



THAUANA RIBEIRO DE MORAIS

**A ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES E A  
DEFESA DA INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA**

João Pessoa – PB

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

THAUANA RIBEIRO DE MORAIS

**A ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES E A  
DEFESA DA INTEGRAÇÃO SUL-AMERICANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a conclusão do Curso  
de Graduação em Relações Internacionais da  
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. ALINE CONTTI CASTRO

João Pessoa- PB

2015

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M827a Moraes, Thauana Ribeiro de.

A atuação internacional do Partido dos Trabalhadores e a defesa da integração Sul-Americana. / Thauana Ribeiro de Moraes. – João Pessoa: UFPB, 2015.

63f.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Aline Contti Castro.

Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – UFPB/CCSA.

1. Integração regional– América do Sul. 2. Partido dos Trabalhadores - ideologia. 3. Luiz Inácio Lula da Silva – Governo - Brasil. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU: 327(8)(043.3)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos 25 dias do mês de agosto de 2015, no Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal da Paraíba, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Internacionais da aluna Thauana Ribeiro de Moraes, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Contti Castro, intitulada "A Atuação Internacional do Partido dos Trabalhadores e a Defesa da Integração Sul-Americana".

Pelos Membros da banca foram atribuídas as seguintes notas:

Membro: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline Contti Castro

Nota: 9 Assinatura: Aline Contti Castro

Membro: Prof. Dr. Henrique Zeferino de Menezes

Nota: 9 Assinatura: Henrique Zeferino de Menezes

Membro: Prof. Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira

Nota: 9 Assinatura: Túlio Sérgio Henriques Ferreira

O aluno foi APROVADO com a média final de NOVE (9).

OBS.: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão do Curso tem como principal objetivo destacar a relação que a ideologia do Partido dos Trabalhadores teve em algumas ações do Governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Há um entendimento de que o Partido em sua trajetória de construção política ideológica deu considerável ênfase aos temas relacionados às Relações Internacionais e a construção de um ambiente internacional democrático, bem como também ao desenvolvimento regional integrado. Nesse contexto, abordar-se-á a literatura oficial do Partido, com resoluções de tendências e dinâmicas internas, tendo em vista que esses documentos oferecem um direcionamento importante para o entendimento das ações em um nível partidário. A análise que se dará em seguida a respeito do governo Lula da Silva, em diálogo com autores que escreveram sobre sua política externa e os documentos oficiais do Partido dos Trabalhadores, darão para pesquisa a conclusão de que a aproximação com a Região Sul Americana foi uma das prioridades do governo Lula da Silva, bem como a tentativa de avanço nos processos de integração regional, alinhadas em grande medida com os direcionamentos do Partido. Em suma, a influência dos ideais partidários sobre os dirigentes do governo teve grande importância em alguns direcionamentos e ações do governo.

**Palavras-chave:** Integração regional. Partido dos Trabalhadores. Lula da Silva. América do Sul. Governo. Brasil.

## **ABSTRACT**

This work aims to highlight the influence of party's political ideology and some governmental actions on President Lula's administration in Brazil. It is important to say that the Workers Party and its whole trajectory of political ideology formation, gave emphasis to International Relations themes, trying to construct a democratic International System, and also defending the regional integration in South America as a developing tool for the countries. In this context, the Party's official literature, resolutions, and tendencies, will give an important direction and understanding of the Party's dynamics. The analysis will go through the literature which talks about Lula's administration, highlighting him as an important actor, with his advisor, Marco Aurélio Garcia, who together directed the government actions on regional integration field. In conclusion it is important to say that linking both literatures, the party's and the government ones, we can see some influences of the party above the government, also, the party's ideology seems to play an important role on Lula's administration, as some authors explain on this work.

**Key-words:** Regional Integration. Workers Party. Lula da Silva. South America. Government. Brazil.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I - O PARTIDO DOS TRABALHADORES E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....</b>	<b>13</b>
1.1. BREVE HISTÓRICO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES .....	13
1.2. AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES .....	18
<b>CAPÍTULO II – ATUAÇÃO DA SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES .....</b>	<b>22</b>
2.1. A SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS .....	22
2.2. PARTIDO DOS TRABALHADORES E O FORO DE SÃO PAULO.....	26
2.3. ESCOLAS DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO FORO DE SÃO PAULO .....	30
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DA ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL NO GOVERNO LULA .....</b>	<b>33</b>
3.1. A POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO LULA DA SILVA .....	33
3.2. POLÍTICA EXTERNA DE LULA DA SILVA PARA A AMÉRICA DO SUL: IMPASSES E AVANÇOS .....	36
3.3. ANÁLISE DE MARCO AURÉLIO GARCIA SOBRE O GOVERNO LULA DA SILVA.....	40
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>50</b>
<b>ANEXO – ENTREVISTA COM VALTER POMAR .....</b>	<b>53</b>

## AGRADECIMENTOS

Devo meus imensos agradecimentos primeiramente a Deus e a toda minha família por tudo.

Meus pais Margarida e Lenildo que me acompanharam até aqui e me proporcionaram todos os meios para que eu conseguisse finalizar esse trabalho. Além do carinho e amor dedicados a mim. Meu pai que foi minha grande inspiração nesse trabalho, pois sempre defendeu seus ideais partidários e soube fazer política de forma justa. À minha mãe que me apoiou para realizar esse sonho, cuidou de mim e me passou ensinamentos importantes para que eu chegasse até o fim. A eles meus sinceros agradecimentos.

Ao meu irmão Lenildo Filho, que foi também uma grande inspiração de dedicação e disciplina nas horas de estudo, além de também um grande companheiro nos momentos de descontração.

À Diogo pelo grande companheirismo, apoio, amor e carinho. Gratidão sempre meu amor!

Aos meus amigos, que além do apoio moral e emocional, souberam me alegrar nos momentos mais difíceis.

Ao Dirigente Valter Pomar que se prontificou em me ajudar, me passando informações necessárias para a melhor realização do meu trabalho. Meus sinceros agradecimentos, Valter.

À minha Orientadora, Professora. Dr.<sup>a</sup>. Aline Castro, que me deu apoio de todas as formas, simplesmente agradeço de coração por ter me orientado nesse trabalho. Pela excelente educadora que demonstrou ser ao longo da minha jornada acadêmica. A você, muita gratidão!

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

COPPAL – Conferência Permanente de Partidos Políticos de América Latina

CUT – Central Única dos Trabalhadores

FOCEM – Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul

FPA – Fundação Perseu Abramo

FSP – Foro de São Paulo

IIRSA – Iniciativa para Integração da infraestrutura regional Sul Americana

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

PED – Processo de Eleições Diretas

PT – Partido dos Trabalhadores

SRI – Secretaria de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores

UNASUL – União das Nações Sul Americanas

UNE- União Nacional dos Estudantes

## INTRODUÇÃO

O estudo das Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores (PT) é segundo alguns autores, muito importante para se entender a política externa dos Presidentes petistas, tendo em vista que o Partido tem uma linha de atuação em temas internacionais e propõe linhas de ação que devem ser seguidas e defendidas, em alguma medida, pelos dirigentes. Paulo Roberto de Almeida (2003), por exemplo, analisa o fenômeno da Diplomacia Partidária que seria seguida pelos governos petistas até então. É essa característica diplomática que vai dar aos governos petistas, o que o autor irá chamar de uma política externa inovadora, destacando-se um forte interesse e aproximação com a América Latina. Muitos ressaltam ainda, a “autonomia pela diversificação”, como política externa seguida desde o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a partir do seu primeiro mandato em 2002 (ALMEIDA, 2003).

Faz-se importante explicitarmos um pouco o que o Partido dos Trabalhadores propõe para as Relações Internacionais, como organização partidária. O Partido conta com uma secretária de relações internacionais desde a sua fundação, na década de 80, onde realizam estudos intensos na área, e com o passar dos anos, naturalmente com diferentes contextos históricos na América e ao redor do mundo as linhas de atuação foram diferenciadas, mas sempre respeitando e seguindo determinados traços que são características da Política Internacional do PT (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

O Partido dos Trabalhadores tem como uma prioridade em suas linhas de atuação, a defesa do fortalecimento político, econômico, social e cultural dos povos latino-americanos, por meio da integração regional, entendida como uma alternativa ao modelo neoliberal, levando em conta principalmente a realidade interna de cada país. É também defendida pelo Partido, a aliança com países em desenvolvimento, buscando fortalecer a atuação destes em organismos internacionais, promovendo desta forma o multilateralismo e diminuindo a dependência destes em relação aos países desenvolvidos (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

A importância dada pelo Partido dos Trabalhadores à integração Regional e cooperação com a América Latina e Caribe acontece, pois a região possui grandes possibilidades econômicas inexploradas e mais do que isso, um mercado potencial, dessa forma defende-se o investimento em infraestrutura como condição fundamental para então facilitar e aproximar cada vez a relação entre os países (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

Em detrimento também das mudanças ocorridas desde o fim da Guerra Fria, dentro do Sistema Internacional, defende-se que a América do Sul pode se constituir um dos polos de poder dentro da nova configuração geopolítica internacional. Segundo o autor Marco Aurélio Garcia, passa-se de um mundo unipolar, para um mundo Multipolar, onde o Brasil teria papel importante, sobretudo na região, para alavancar o projeto nacional de desenvolvimento e diminuição das assimetrias presentes entre os países sul americanos com o resto do mundo (BRASIL, 2010).

Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores do Brasil no período em que Lula governou o país, acredita que a integração regional da América do Sul era a prioridade da política externa brasileira, no período em que Luiz Inácio Lula da Silva administrou, admitindo que, trabalhando juntamente com seus “vizinhos” o Brasil cresceria economicamente e iria promover a estabilidade na região (AMORIM, 2010).

Para Celso Amorim, é importante notar que, o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) é o principal exemplo da integração regional na América do Sul. No início do bloco, e de suas negociações, o autor diz que seu fundamento era basicamente político, no entanto, no período que o Lula governou os principais países do bloco, Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina, foram mais integrados do que em qualquer outro momento da história (AMORIM, 2010).

Tendo como base a visão de Celso Amorim sobre o Brasil no contexto do MERCOSUL, podemos relacionar esse papel exercido pelo Brasil, com a multipolaridade benigna – explicada por Amorim em outro trabalho sobre a política externa do Brasil. Ele afirma que o Brasil pretende contribuir para uma multipolaridade benigna no Sistema Internacional, que remete a múltiplos polos de poder com perspectivas distintas, onde também, diversos atores opinam para formulação de acordos (AMORIM, 2011). Dessa forma relacionamos a iniciativa do governo brasileiro de fortalecimento do MERCOSUL, contribuindo então para uma multipolaridade benigna, no sistema internacional, tendo em vista o contexto atual do Sistema e o papel do Brasil na região e nos arranjos multilaterais para o desenvolvimento do espaço sul americano.

Marco Aurélio Garcia, que foi assessor especial de política externa nas administrações de Lula, é um exemplo de participação partidária petista nos assuntos internacionais, ele como líder partidário e também como líder de governo - em matéria de política externa, além do Ministro das Relações exteriores ele teve grande influencia nos temas referentes à área. Marco Aurélio expressa abertamente sua posição pró América Latina, e defende medidas que melhorem cada vez mais a aproximação do Brasil com os países vizinhos. Um fato importante

segundo Marco Aurélio é a grande guinada das forças de esquerda que permeiam boa parte da América, dando então mais abertura para políticas de esquerda na região. Para ele a prioridade brasileira em matéria de política externa, é essa, fortalecer e desenvolver a região, onde haveria um crescimento igual entre os países. (GARCIA, 2011).

Considerando todas as características acima elencadas sobre a atuação internacional do Partido dos Trabalhadores, e sobre as linhas de atuação do governo Lula da Silva, observa-se o seguinte problema de pesquisa:

- Quais os mecanismos que o Partido dos Trabalhadores utiliza para atuar na área de Relações Internacionais na defesa pela integração regional e cooperação na América do Sul, no contexto do segundo mandato do governo Lula?

Pode-se observar dessa forma que houve um grande alinhamento entre as políticas defendidas pelo partido e as que foram também defendidas pelo governo. Dentro do proposto, o objetivo geral do trabalho será analisar a defesa do Partido pela integração e cooperação regional na América do Sul. Desta feita, serão perseguidos no presente trabalho, os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Analisar os ideais partidários defendidos pelo Partido dos Trabalhadores antes do poder, e o papel da Secretaria de Relações Internacionais do Partido, no segundo mandato do governo Lula;
- ✓ Analisar o estilo de diplomacia conferida ao Brasil no segundo mandato do ex. presidente Luiz Inácio Lula da Silva;
- ✓ Analisar o papel do Marco Aurélio Garcia sua atuação e importância como figura partidária presente no governo.

Justifica-se esta análise em decorrência dos impactos que os ideais partidários podem ter sobre as políticas adotadas por determinado governo. No caso, o segundo mandato do governo Lula da Silva pode ser um exemplo de como a atuação deste teve coerência com as ações do partido em matéria de Relações Internacionais na época.

A presente investigação será de caráter descritivo, uma vez que serão analisados fatos históricos da atuação internacional do Partido dos Trabalhadores, e da Política Externa do segundo governo Lula, utilizando para isso, uma bibliografia sobre o tema, que dialoga com teóricos da diplomacia partidária e presidencial, integração e cooperação regional. Serão também de grande valia para a análise, a utilização de documentos oficiais, bem como também entrevistas com personalidades envolvidas na área e no espaço de tempo definidos.

# **1 O PARTIDO DOS TRABALHADORES E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

## **1.1 BREVE HISTÓRICO SOBRE O PARTIDO DOS TRABALHADORES**

O Partido dos Trabalhadores é um partido que surgiu no final dos anos 70, e começo dos anos 80, em um contexto de lutas e de busca de melhorias por parte da classe trabalhadora tanto da cidade como do campo. Sua base se constituiu basicamente na luta contra a Ditadura Militar no Brasil, por parte da classe intelectual liberal de esquerda, estudantes e afiliados aos novos movimentos sociais, sendo mulheres, negros, homossexuais, ambientalistas e diversos militantes que compartilhavam com os ideais de esquerda petistas (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

O Partido foi criado oficialmente no dia 10 de fevereiro de 1980, e desde então tentou ganhar representatividade no poder executivo e parlamentar visando principalmente ser um agente promotor de mudanças na vida dos trabalhadores do campo, das cidades, intelectuais, artistas e militantes em geral. Seu papel foi fundamental na mobilização para as “Diretas Já” em 1984, a redemocratização era então a principal primeira reivindicação pelos quais lutavam, também pelo contexto ditatorial que o Brasil vivia na época, ilustrando dessa forma o poder de mobilização que o Partido teve principalmente na luta pela democracia popular e eleições diretas no Brasil (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

O Partido se denomina como sendo parte de uma luta anticapitalista, e de compromisso com a democracia, sendo a própria construção do Partido originária de um quadro internacional de crise às alternativas socialistas na época existentes. Com a queda do muro de Berlim em 1989, a América Latina - considerada a periferia do capitalismo -, passou a adotar os princípios neoliberais para a região, que contribuíram para o processo de desindustrialização, contra-reforma agrária, aumentando a pobreza e a desigualdade social. O Partido dos Trabalhadores nesse contexto apresentava-se como uma alternativa a essas políticas que eram consideradas hegemônicas que impunham aos países em desenvolvimento políticas não muito vantajosas para o avanço social e econômico dos mesmos (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

A queda do muro de Berlim significou para o cenário internacional como sendo um ato que ilustrava diretamente o fim do socialismo europeu. Segundo Eric Hobsbawn (1995) desde a década de 70 as economias socialistas europeias estavam enfrentando uma grande estagnação econômica, que se agravou ainda mais quando ocorreu a crise do petróleo em 1980 deixando a Europa Oriental em uma profunda escassez energética. Para Hobsbawn (1995), a Europa Oriental tinha grande importância para a União Soviética e a decadência econômica viria a agravar também crises que mais tarde ajudaram a provocar o colapso euro-

soviético. A incapacidade soviética de reagir perante as crises da época colaboraram para o agravamento da crise política, que mais tarde levou o colapso da União Soviética (HOBSBAWN, 1995).

O Partido surge em um contexto que a esquerda declinava em algumas regiões e nesse momento, duas grandes organizações brasileiras que são consideradas o cerne do Partido dos Trabalhadores, se unem como frente popular para disseminar ideias de esquerda. A Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento Sem Terra (MST) que se apresentavam como organizações não governamentais e compartilhavam os mesmos anseios de uma sociedade mais igualitária e justa, apoiando alguns líderes e representação do Partido para chegar ao Poder Executivo, por exemplo, o candidato à presidente Luiz Inácio Lula da Silva (BRANFORD; KUCINSKI, 2003).

Em relação ao apoio massivo dos trabalhadores representados por grandes organizações como a CUT e o MST, Branford e Kucinski (2003) explicam que na década de 70 o contexto de ditadura no Brasil fez com que as massas se unissem para contestar o sistema político vigente, bem como também para lutar por melhorias na vida da sociedade em geral e das condições de vida dos trabalhadores. É necessário destacar a natureza em que foram constituídas as bases ideológicas do partido, com ideais predominantemente socialistas, mas com lideranças e intelectuais que tinham uma pluralidade de referências dentre elas, leninistas, marxistas e católicos liberais. Dentro dessa pluralidade cria-se o que para eles foi o primeiro partido de massa do Brasil, que além de ações em períodos eleitorais apresentou forte atuação em épocas normais internamente e também em âmbito externo (BRANFORD; KUCINSKI, 2003).

Os autores Branford e Kucinski (2003) destacam ainda as similaridades que o PT teria com alguns partidos europeus, que também foram criados no começo do século XX, contudo, não apresenta os mesmos modelos e visões sendo então considerado um exemplo de Partido com natureza muito singular. Segundo eles, isso pode ser ilustrado pelo fato de o Partido ser apoiado por líderes católicos, e defender os direitos dos homossexuais, ou ainda em alguma medida a legalização do aborto. Essa pluralidade destacada pelos autores pode ser entendida pelo fato de que internamente coexistem diferentes grupos e tendências de pensamentos que exercem suas representatividades internas por meio de secretariados do partido, tornando-o então um partido “aberto” (BRANFORD; KUCINSKI, 2003).

Sendo um Partido que sempre defendeu a democracia, o PT conta internamente com dinâmicas também democráticas. Os direcionamentos partidários são obtidos através de votos proporcionais das chapas internas, que por sua vez criam teses, refletindo então novas ideias e

opiniões gerando propostas para o conjunto partidário (3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007). Segundo a Resolução sobre Tendências do Partido dos Trabalhadores (S/D), a criação das diferentes correntes visa em grande medida aumentar o debate interno para que aja um fortalecimento tanto da democracia no interior do partido, bem como também aumentar o conhecimento dos militantes acerca dos temas políticos vigentes fortalecendo então a estrutura partidária em seu conjunto. As diferentes correntes do PT devem ser entendidas como mais um instrumento de fortalecimento, e não um partido à parte que se contrapõe a ideia do todo. A corrente interna deve defender o PT como um partido estratégico rumo ao Socialismo sendo a mesma, uma parte importante para a estruturação e ação do mesmo (RESOLUÇÃO SOBRE TENDÊNCIAS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Para se entender um pouco mais do histórico do partido é necessário ainda destacar o fenômeno do radicalismo e da ética que também constituem as bases do partido em sua formação. Segundo Branford e Kucinski (2003), é justamente no socialismo petista, diferente de qualquer outro tipo de socialismo existente, que a formação dos militantes é diferenciada, tanto no que concernem as atitudes individuais como dentro do grupo partidário. (BRANFORD; KUCINSKI; 2003).

O Partido tem uma definição própria de socialismo, chamada de “socialismo petista”, que com o passar dos anos foi se alterando em detrimento de todos os acontecimentos históricos. O que é importante levar em consideração é que muitas vezes a resolução partidária não incide sobre a ação dos governos, e entender que a maioria das pessoas que fazem parte do Partido não conhecem a resolução e definições gerais, mas trabalham porque acreditam no socialismo como uma alternativa para melhorar a vida das pessoas. Essa visão de Socialismo Petista considerada majoritária dentro do partido segundo Pomar, mudou, pois observa-se que na década de 80, os militantes não lutavam apenas por justiça social, mas sim por uma superação completa do capitalismo como sistema econômico (POMAR, 2015).

A definição mais recente foi aprovada no terceiro congresso do PT, em 2007, eu era secretário de Relações Internacionais, naquele momento, e a resolução que está lá foi apresentada por nós e foi aprovada pelo PT por unanimidade. Então digamos assim, a resolução que fala do Socialismo Petista, e que tem esse nome inclusive, foi aprovada por unanimidade, ou pelo menos é amplamente consensual dentro do partido (...) na década de 80 em que os filiados tinham uma visão clara sobre o que era o socialismo e evoluiu para uma situação em que 2000, 2001 e 2002, a maioria dos filiados tem uma visão vaga e acha que socialismo é a justiça social (...) (POMAR, 2015; p.2)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>POMAR, Valter. João Pessoa – PB. Março de 2015. Gravação em áudio. Entrevista concedida à autora;

A definição de socialismo petista da resolução de 2007 é o que representa o Partido até hoje, e que tem bases desde a década de 80. Segundo a resolução do Partido em 2007, a defesa da mais profunda democracia é a base para construção desse socialismo, sendo nesse sentido a pluralidade muito relevante uma vez que se defende que deve haver um diálogo permanente com outras frentes partidárias, organizações e movimentos que trabalhem com os temas mais diversos e que busquem o desenvolvimento sustentável dentro da sociedade. (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

O 3º Congresso do PT reafirma os conceitos e posições sobre socialismo petista definidos pelo 1º Congresso do PT e pelo VII Encontro Nacional, agregando aos mesmos o conceito de sustentabilidade sócio-ambiental, redefinindo socialismo petista como socialismo democrático e sustentável (...). O Socialismo petista é fundado na democracia: como projeto dependente da vontade livre dos cidadãos e cidadãs, cuja realização se alicerça em uma nova hegemonia na sociedade e no Estado. Para Construir essa nova hegemonia é fundamental incorporar o conceito da sustentabilidade forjado nas lutas e experiências práticas sócio-ambientais, anunciadoras da utopia da sociedade socialista democrática e sustentável (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007, p. 127)<sup>2</sup>.

Ainda sobre o socialismo Petista os autores Brandford e Kucinski (2003) vão explicar que o partido nunca definiu um socialismo concreto para sua doutrina, mas os autores acreditam que todas as ações aproximam muito o Partido dos Trabalhadores de um partido com bases marxistas, principalmente quando se defende terminantemente em suas resoluções que o socialismo não pode ser possível sem a democracia. Para eles a base do socialismo petista é a democracia (BRANFORD, KUCINSKI, 2003).

Para a Chapa interna, “Mensagem ao Partido” o socialismo petista é um marco central para caracterização da cultura petista e representa em grande medida uma alternativa aos socialismos até então existentes antes da sua criação. O PT teve um grande papel dentro do socialismo mundial, pois resistiu ao colapso da União Soviética e do Leste Europeu na década de 90. Uma das grandes características do Socialismo petista está na absoluta defesa do pluralismo como sendo fundamental para conservar as bases democráticas do Partido, quando defende a existência de diversas tendências e traz a noção de que não há uma filosofia oficial que o caracteriza, há na verdade uma junção dinâmica e aberta de “culturas libertárias” que dialogam entre si para manutenção da ideia de democracia socialista (5º CONGRESSO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

A respeito da dinâmica interna é necessário entender também o que são denominados as tendências ou correntes de pensamentos que constituem também as bases do Partido.

---

<sup>2</sup>Resoluções do 3º Congresso Partido dos Trabalhadores. 30 de agosto à 2 de setembro de 2007, São Paulo, Brasil. – Porto Alegre : Fundação Perseu Abramo, 2007. P. 125 a 146.

Segundo Branford e Kucinski (2003), a existência dessas diferentes linhas internas é algo problemático principalmente pelo fato de sempre haver uma tendência predominante anulando a força de tendências menores que se aliam em chapas para fazer oposição interna. Essa característica da grande pluralidade interna se refletiu em grande medida nas eleições de Lula da Silva em 1994, segundo os autores muitos grupos aderiram a outros partidos por não apoiarem a tendência que Lula da Silva fazia parte, e de acordo com as resoluções da época não havia abertura até 1999 para aliança com partidos mais moderados. Essa abertura para alianças mais tarde foi uma das causas segundo eles para o sucesso das eleições em 2002 (BRANFORD; KUCINSKI, 2003).

Ainda sobre as dinâmicas internas o Partido dos Trabalhadores possui mais de um milhão e setecentos mil filiados em todo o território nacional, o partido é o único partido brasileiro que realiza eleições diretas para a escolha dos dirigentes tanto a nível nacional como também a nível local (municipal e estadual), em um processo denominado “PED” – Processo de Eleições Diretas-, e que ocorre a cada quatro anos. Esse processo democrático interno pode ilustrar muito bem a defesa pela democracia que está nas bases do partido enquanto organização social de massa (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

É de grande valia citar a importância dos movimentos de massa na formação do PT bem como também para o fortalecimento do partido. Apesar de estrategicamente ser importante atuar em aliança com os movimentos sociais, a maior dificuldade do partido foi trazer problemáticas sociais importantes a um nível nacional de mobilização. Apesar disso é interessante citar o papel do partido em criar alternativas políticas em parceria com os movimentos, e inclusive organizações não governamentais como, por exemplo, o Instituto Cidadania, que tinha como principal objetivo pensar alternativas para políticas de governo um dos projetos criados por essa organização foi o Programa Fome Zero mais tarde adotado por Lula em seu primeiro mandato, e tinha como principal objetivo o combate à fome dentro do Brasil. (BRANFORD; KUCINSKI, 2003).

O Programa Fome Zero foi considerado um grande marco, e logo no primeiro ano de governo foi apresentado à população brasileira a proposta de erradicar a fome, combater a pobreza, e diversos outros problemas estruturais que geravam a exclusão social no Brasil. O projeto criado em parceria com Universidades, estudiosos e profissionais de diversas áreas mais tarde foi o responsável pelo programa de governo abraçado por diversos Ministérios que contemplam atualmente o Programa Bolsa Família (INSTITUTO LULA, 2015).

O PT antes da eleição vitoriosa de Lula da Silva parecia ser um dos poucos partidos do mundo que representavam uma esquerda socialista dentro de um país capitalista como o

Brasil, além de que havia justamente o apoio de organizações de massa como a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Movimento Sem Terra (MST) e a União Nacional dos Estudantes (UNE). Para ele o mais interessante é que o PT se inseriu com seus ideais socialistas dentro da sociedade de forma muito democrática, diferente do que havia acontecido em outros lugares do mundo, o Partido tinha em suas bases a luta pela democracia. Apesar de tudo, Branford, Kucinski (2003) e Pomar (2014) afirmam que o Partido para manter representantes no poder seguiu aderindo a algumas contradições com grupos dominantes na sociedade brasileira, e a chegada de Lula da Silva ao poder traz consigo uma grande crise interna ao Partido já que justamente são vistas algumas continuidades do governo anterior - tido como neoliberal-, oposto às defesas do Partido dos Trabalhadores (POMAR, 2014).

## **1.2 AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES**

O Partido dos Trabalhadores desde a sua formação nos anos 80, possui uma intensa atividade na área de política externa, bem como também na área de Relações Internacionais, possuindo uma Secretaria para assuntos externos desde 1984. No início da formação do Partido, a atuação em Relações Internacionais estiveram fortemente vinculadas às questões ligadas aos Direitos Humanos dentro da América Latina e Caribe, que viviam em lutas contra a ditadura Militar. Havia ainda na década de 80, por consequência desse contexto de luta em defesa dos Direitos Humanos uma intensa relação com os países latino americanos e caribenhos, a exemplo disso temos o caso das Relações entre o Partido dos Trabalhadores e o Governo Cubano liderado pelo partido Comunista de Cuba, os quais prestaram solidariedade e acolhimento intensos aos militantes brasileiros que lutavam contra a ditadura (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

Ao longo dos últimos 34 anos de história, o Partido atua opinando e tentando criar meios para o diálogo com outras frentes de todas as regiões do mundo, em especial as da região latino americana. Com a queda do Muro de Berlim, o Partido junto com outras organizações partidárias, discutiram através de encontros, foros, e outros arranjos como seriam suas atuações frente às opções neoliberais existentes na época da década de 90 (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

É importante destacar ainda que as Relações Internacionais do PT no período não se limitava à região americana e caribenha, mas também com outras organizações vindas de outros hemisférios, dentre elas: A Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), Libertação Nacional da Argélia (FLN), e diversos outros partidos comunistas e socialistas ocidentais, que mantinham atitude solidária à luta partidária do período. (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

Apesar de toda essa atuação, o PT só ganhara destaque e reconhecimento internacional no final dos anos 80, com a corrida eleitoral de 1989, na qual Luiz Inácio Lula da Silva se confrontou no segundo turno com Fernando Collor. Até esse momento, o PT atuava em grande medida em cooperação com centrais sindicais da América Latina e Caribe, em especial as relações com as Centrais sindicais do Cone Sul (CCSCS) – essas iniciativas tinham uma grande influência do sindicalismo europeu, e propunham intercâmbio de experiências na esfera sindical com os países vizinhos (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

Na década de 90 houve uma mudança gradual de foco nas Relações Internacionais do PT, principalmente porque os países socialistas entraram em crise, fazendo com que o partido começasse a galgar novos caminhos, unindo-se a movimentos ligados aos partidos de esquerda. Foi nesse contexto que surgiu o Foro de São Paulo, uma iniciativa petista para reunir as esquerdas do continente, dentre as questões em destaque, a integração regional foi um dos temas de prioridade petista. (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

A partir da convocatória feita pelo PT, nasceu o que fundamentalmente se chamaria Foro de São Paulo, que ao longo dos últimos 17 anos contou com a participação ativa da Frente Ampla de Uruguai, da Frente Farabundo Marti de Libertação nacional (FMLN) de EL Salvador, da Frente Sandinista de libertação Nacional (FSLN) de Nicarágua, do Partido Revolucionário Democrático (PRD) do México e do Partido Comunista de Cuba, entre outras forças políticas. (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007, p. 127)<sup>3</sup>.

A atuação do PT na década de 90 também contou com a participação em outras conferências permanentes da América Latina como a COPPAL e da Coordenação Socialista Latino Americana (CSL), além da iniciativa em 1995 da criação da rede “Mercocidades”, por parte das administrações dirigidas pelo PT no Brasil. A Secretaria de Relações Internacionais do Partido dentro dessa conjuntura, organizou esforços para mobilizar militantes no exterior, e ainda criar iniciativas na forma de encontros petistas dentro do continente europeu. (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

O Foro de São Paulo que foi consequência de uma iniciativa do Partido dos Trabalhadores e foi considerado por muitos um evento histórico, porque reuniu lideranças e organizações, que representavam a esquerda e partidos progressistas Latino Americanos, em um contexto em que acabavam de entrar em colapso o socialismo europeu. Então por parte dos ativistas de esquerda sentiu-se a necessidade do diálogo e da discussão sobre novas alternativas para o território latino americano, que era considerado um espaço

---

<sup>3</sup>Resoluções do 3º Congresso Partido dos Trabalhadores. 30 de agosto à 2 de setembro de 2007, São Paulo, Brasil. – Porto Alegre : Fundação Perseu Abramo, 2007. p. 125-146.

subdesenvolvido vulnerável ao sistema capitalista. A diversidade interna que já era uma marca do Partido dos Trabalhadores foi segundo Pomar e Regalo (2013), um dos pontos chave pra que houvesse uma iniciativa por parte do PT em criar um ambiente de debate sobre questões políticas importantes da época (POMAR; REGALADO, 2013).

Os temas abordados pelo Encontro foram três: primeiro, “As alterações na ordem internacional e seu significado para a América Latina e o Caribe”, incluindo como subitens “as mudanças no sistema capitalista mundial”, “o impacto da ofensiva neoliberal” e “a crise do chamado socialismo real”; segundo, o “balanço das lutas pela democracia e o socialismo no continente”; e, terceiro, “os problemas estratégicos da luta pelo socialismo”. Cada um desses assuntos contou com palestras introdutórias seguidas de debate (POMAR; REGALADO; 2013, p.15)<sup>4</sup>.

Ao longo dos mais 30 anos de formação do Partido houve uma mudança na ênfase da esfera internacional, contudo, Valter Pomar (2012), destaca duas características que devem ser lembradas ao estudar as Relações Internacionais do Partido. A pluralidade que foi mantida na interlocução internacional, e a ênfase na América Latina, dando evidencia aos anos 90 desde a criação do Foro de São Paulo. (POMAR, 2012).

Pomar e Regalado (2013) vão explicar que a importância do Foro de São Paulo foi sendo construída e a partir do terceiro encontro quando já se observava um reconhecimento internacional com relação ao arranjo. A troca de informações e o intercâmbio entre diferentes forças democráticas demonstravam os anseios dos movimentos mais progressistas e de esquerda em tentar criar meios de tornar a América Latina independente frente às potências dominantes. Os autores consideram a iniciativa como uma forma de determinação dos povos frente aos sistemas de opressão existentes no cenário internacional em favor da liberdade política e econômica dos países em desenvolvimento (POMAR; REGALADO, 2013).

Nos anos 2000 o PT se desenvolveu ainda mais em termos de atuação internacional, há um crescimento que se materializou em alguns novos movimentos e mobilizações. Um exemplo foi o Fórum Social Mundial, que sempre contou com a atuação protagonista dos dirigentes do Partido dos Trabalhadores, juntamente com a CUT – Central única dos Trabalhadores. O Fórum das autoridades Locais pela Inclusão Social (FAL) merece destaque, pois entra em processo de unificação com redes mundiais, na Organização Mundial de Cidades e Governos Locais Unidos (CGLU) (RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO NACIONAL DO PT, 2007).

O que é importante destacar segundo o professor Valter Pomar (2015), que foi secretário de Relações Internacionais do PT entre os anos 2006 e 2011. Pomar explica sobre o

---

<sup>4</sup>POMAR, V. V. R. ; REGALADO, R. . **Foro de São Paulo: construindo a integração latino-americana e caribenha**. 1. ed. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 1. 296p .

grau de influência que a tendência ideológica interna do representante pode ter em suas ações frente à Secretaria. Ele explica que no período em que foi secretário de Relações Internacionais, a tendência “articulação de esquerda”, que é a tendência que ele defende internamente não influenciou as linhas que ele decidiu seguir. Para ele a atuação internacional do Partido naquele momento foi uma atuação de consenso, e sem divergência interna acerca do tema política internacional (POMAR, 2015).

A política de Relações Internacionais do PT nesse período foi a política do PT mesmo, ou seja, não foi expressão do Secretário ou de uma corrente interna ideológica, foi uma expressão se não, de cem por cento do PT, se não de uma política unitária de dentro do partido, e isso refletia duas coisas: refletia uma unidade do PT em política internacional e refletia um certo acordo do PT em relação a política externa do governo (...) Parceiros nossos demoraram para entender que a política que o partido fazia naquela época na área de RI, era uma política do partido. Não era uma política nem minha nem da Secretaria (POMAR, 2015; p. 01)<sup>5</sup>

A unidade do PT em relação à política internacional que o representante deve apoiar está claramente destacada nas Resoluções do Partido acima apontadas e nesse sentido, defende-se uma atuação de certa forma com as mesmas prioridades desde a década de 80, principalmente no que concerne à tentativa de promover o desenvolvimento da América do Sul. Sobre essas prioridades é necessário destacar a defesa do PT em ser um agente promotor da integração da América Latina, e dessa forma o Foro de São Paulo demonstra ter sido uma iniciativa que busca desenvolver justamente alternativas para integração (POMAR, 2015).

---

<sup>5</sup>Trecho de gravação em áudio de entrevista de Valer Pomar, concedida à autora em março de 2015 na cidade de João Pessoa (Transcrição em anexo);

## **2. ATUAÇÃO DA SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES**

### **2.1 A Secretaria de Relações Internacionais**

A Secretária de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores (SRI) atua na esfera nacional e internacional, contribuindo para que o conjunto partidário e sua diretoria executiva nacional sigam os direcionamentos acordados nos fóruns e resoluções do PT. Desde a sua criação o Partido atua e trabalha para contribuir com a formulação de uma Política Internacional mais democrática, principalmente no âmbito regional. Trabalha mobilizando forças ao redor do mundo, e no Brasil, organizando fóruns regionais, encontros, congressos e intercâmbios que possam avançar de alguma forma seus ideais partidários contribuindo para um ambiente internacional mais cooperativo, principalmente na região Latino Americana. Em um primeiro momento a política internacional do PT esteve fortemente ligada a questões de solidariedade e defesa de lutas democráticas na região latino americana que nos anos 80 sofria com regimes ditatoriais ali instaurados, além de também prestar cooperação a militantes em defesa da democracia também em outras partes do mundo, como em alguns países do continente africano (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Somente a partir das primeiras eleições em que o PT participa da corrida eleitoral os rumos das Relações Internacionais do partido mudam, mais precisamente na década de 90 quando Lula da Silva consegue uma votação bastante expressiva nas eleições. Nesse momento o Partido tem uma atuação cada vez mais marcante, pois começa a galgar caminhos singulares em sua política internacional, o fato mais marcante de sua atuação foi a iniciativa do Foro de São Paulo, criado para o debate e articulação com os Partidos de esquerda latinos. O desafio do PT nos últimos anos, contudo, tem sido articular política internacional partidária com a política externa do governo, o partido nesse sentido revela-se como autônomo em sua formulação de política internacional e apoiador dos projetos defendidos pelo governo em matéria de política externa principalmente no que tange a sua prioridade em avançar no processo de cooperação e integração com a América do Sul. (PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

Para se entender um pouco do trabalho da Secretaria de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores é necessário fazer a distinção entre trabalho de governo e de Partido em matéria de Relações Internacionais. A autora Ana Maria Stuart (2003) atenta para a distinção necessária entre Política Internacional e Política Externa nesse tipo de análise:

A política internacional resulta na sedimentação de posições que os partidos ou a elite vêm manifestando diante dos problemas do mundo contemporâneo. A Política externa, diferentemente, constitui uma política de Estado, que deve representar o interesse permanente da nação, tal como definido pelas concepções prevalentes na sociedade considerada (STUART, 2003, p.74)<sup>6</sup>

Nesse sentido Ana Maria Stuart (2003) defende que o Estudo das Relações Internacionais do PT e sua formulação de política internacional ao longo de sua trajetória devem ser separados pelo que foi implementado efetivamente pelo governo, mas o estudo e análise comparativa dos dois é extremamente necessário para que se possa constatar se houve ou não uma reorientação do governo para com a política externa do Partido principalmente na virada à esquerda nos anos 2000 com a vitória do Presidente Lula (STUART, 2003).

É muito importante entender que o trabalho realizado na Secretaria é diferente do que é realizado pelo governo em termos de Relações Internacionais. O mais importante marco da Secretaria no período do governo Lula foi que a política defendida pelo Partido desde a década de 90 conseguiu ser bastante efetivada pelo governo. A política defendida pela Secretaria ao longo de anos, por meio dos encontros, debates, intercâmbios, fez com que quando a esquerda alcançasse o poder em alguns países, como no Brasil o saldo fosse positivo em alguma medida. Para Pomar (2015) alguns projetos que foram efetivados fizeram com que a vida das pessoas melhorasse, os Partidos de esquerda influenciaram de alguma forma as instituições governamentais nas quais seus líderes chegaram ao poder (POMAR, 2015).

É de grande valia destacar a importância que às Relações Internacionais do PT têm perante os outros partidos da região e do mundo que apoiam os projetos petistas. Toda a trajetória do Partido para chegar ao poder, as crises enfrentadas e os resultados obtidos contribuíram para um grande apoio internacional, fazendo com que o trabalho da Secretaria e do Partido como um todo fosse reconhecido e respeitado. Para Pomar (2015), um perfil proativo do Secretário em exercício, atrelado a tudo o que foi efetivado pelos governos e Partido podem ajudar a construir uma ótima agenda em termos de Relações Internacionais para o PT (POMAR, 2015).

(...) o trabalho de relações internacionais do PT, ele é digamos o fim de linha de um processo que não começa com a Secretaria de Relações Internacionais, ou seja, com a influencia do PT no âmbito internacional. Ela decorre do conjunto da obra, a Secretaria pode ser mais ou menos feliz em se apropriar disso, ela pode estragar a obra ou se apoiar nela, mas quem cria as condições pra o trabalho da secretaria ter credibilidade, ou seja, saber que por trás do secretario tem uma ação, é essa ação, é o fato de o PT ter construído uma trajetória nos anos 80, 90, ganhado a Presidência da República, fazer um mandato, ter superado crises, é isso que dá a quem fala do PT no âmbito internacional uma maior força, uma autoridade. Então é muito comum,

---

<sup>6</sup> CRUZ, Sebastião Carlos Velasco e **O Brasil no Mundo: ensaios de análise política e prospectiva.**- São Paulo: Editora UNESP: Programa San Tiago Dantas de Pós Graduação em Relações Internacionais da Unesp, Unicamp e PUC-SP, 2010.

que a pessoa que ocupa a Secretaria de Relações Internacionais do PT tenha destaque em eventos internacionais, é chamada a falar, chamada a opinar, então quando a pessoa tem mais preparo, ela aproveita melhor essa situação, se tem menos preparo aproveita pior, mas não é ela que cria o contexto, o contexto está sendo criado pela ação do partido (POMAR, 2015, p 10)<sup>7</sup>.

O prestígio internacional conferido ao Partido ao longo dos anos foi em grande medida também uma consequência do trabalho realizado na interlocução internacional, quando houve a prioridade do mesmo na construção de relações estáveis com partidos e movimentos não apenas da América Latina, mas também de outros continentes. Segundo a Autora Ana Maria Stuart, essas relações que o partido teve ao longo de sua trajetória fizeram com que o Presidente Lula em suas viagens internacionais fosse recebido por governos de partidos já amigos do PT (STUART, 2003).

Falando um pouco do trabalho da Secretaria, Valter Pomar (2015) vai explicar que o mesmo se realiza de diversas formas, seja na preparação de notas sobre assuntos e fatos que acontecem ao redor do mundo, onde o Partido nesse sentido segue uma tradição de se posicionar seguindo seus princípios e ideais partidários. Há também informativos e textos que têm como principal objetivo deixar a sociedade civil por dentro do que anda acontecendo no mundo, bem como também para as pessoas que querem acompanhar em que concerne a atuação internacional do Partido por meio das análises feitas (POMAR, 2015).

Um exemplo de nota sobre a política internacional do PT formulado pela Secretaria de Relações Internacionais do PT foi um texto publicado pela editora da Fundação Perseu Abramo<sup>8</sup> da coletânea “2003-2010. O Brasil em transformação” onde a Secretaria fez um rápido balanço da atuação do governo Lula em matéria de política externa. Em suma, Valter Pomar (2012) que foi o autor do texto reitera um balanço positivo da política externa do governo, pois o mesmo teve prioridade em defender os objetivos nacionais em busca do desenvolvimento. Apesar disso critica a natureza da política externa de Lula afirmando que a mesma deve assumir um papel hegemônico na sociedade brasileira, afirma nesse sentido que a política externa de Lula não foi uma política de partido, e sim uma política de interesse de Estado que na verdade se traduz muitas vezes em interesses das grandes empresas capitalistas (POMAR, 2012).

As empresas brasileiras que Pomar (2012) destaca são aquelas que estão presentes na região e tornam-na desigual quando muitas vezes há uma dominação das mesmas em

<sup>7</sup> POMAR, Valter. Entrevista concedida à autora, João Pessoa – PB. Março de 2015.

<sup>8</sup> A Secretaria de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores tem parceria com a Fundação Perseu Abramo onde em conjunto realizam atividades junto à militância contribuindo para a produção de materiais que auxiliam no entendimento de temas importantes do cenário Internacional (SECRETARIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, SALVADOR, 2015)

territórios vizinhos. Ele propõe então uma atualização no foco da política externa de Lula defendendo que o governo deve trabalhar para combater justamente as assimetrias existentes entre os países da região, e a integração regional não aconteça com um crescimento desigual entre os países (POMAR, 2012).

O Secretario de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores possui atividades em diversos ambientes, sejam em núcleos organizados pelos partidos parceiros dentro do Brasil ou no exterior, participando da direção executiva do Foro de São Paulo. O Secretário também possui atividades como membro da comitiva nacional do partido, ou seja, existe segundo Pomar (2015) uma vida partidária a ser seguida em detrimento de todas as atividades permanentes existentes, como congressos, encontros, cursos entre outros. As relações diplomáticas que o Partido possui com frentes partidárias ao redor do mundo e a partir dessas relações várias atividades também acontecem como, por exemplo, o envio de delegações para o exterior, participação em eventos e reuniões. O PT age ainda em conexão com diversas instituições governamentais e partidárias que fazem atividades relacionadas à política internacional dentro Brasil (POMAR, 2015).

O Partido mantém ainda relações com alguns organismos internacionais partidários, por exemplo, a COPPAL, a Internacional Socialista, onde entre eles se dão relações de troca de informação, intercâmbios e encontros. As relações entre PT e alguns Partidos da esquerda europeia, Africana, asiática, da Oceania e dos Estados Unidos também acontecem nos mesmos moldes, na troca de informações e compartilhamento de ideias de experiências partidárias ou para partidárias no mundo afora. Há todo um trabalho de diplomacia e manutenção de correspondência entre as mesmas. Um exemplo dessas trocas foi a participação de delegações no 3º congresso nacional do Partido que aconteceu no ano 2007 em São Paulo (POMAR, 2015; RESOLUÇÕES 3º CONGRESSO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2007).

A interface com instituições que realizam trabalho em Política Internacional também é uma prática do PT junto a Secretaria. Um exemplo dessas instituições é o Itamaraty, ou também comissões parlamentares ou Secretarias de Relações Internacionais de outros partidos, que contribuem de alguma maneira na conjuntura internacional. Pomar (2015) afirma que quando estava à frente da secretaria uma de suas missões era discutir questões internacionais junto a esses arranjos, ou instituições, partidárias ou não, soluções, alternativas à temas de relevância internacional para o Brasil (POMAR, 2015)

## **2.2 O PARTIDO DOS TRABALHADORES E O FORO DE SÃO PAULO**

Dentre as diversas dinâmicas executadas pela secretaria de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores, a atuação frente ao Foro de São Paulo deve ter um destaque especial, visto que segundo Valter Pomar (2015), sua organização demandam um trabalho intenso e específico por parte da Secretaria:

(...) Tem outra dimensão do nosso trabalho que é a secretaria executiva do Foro de São Paulo, de fato nos coordenamos o foro de São Paulo, que é uma organização latina e caribenha, e faz reuniões anualmente, em periodicidade maior com a comissão executiva e possui também regionais que a secretaria executiva ocupada pelo secretário de RI do PT seja quem for, frequenta todos esses países e se reúne com os partidos. (...) Enfim, tem um leque de tarefas que é esse que eu te descrevi, e a única tarefa que é permanente é a Secretaria Executiva do Foro de São Paulo e envolvia uma carga de trabalho específico imensa (POMAR, 2015, p. 11)<sup>9</sup>.

O Foro de São Paulo surgiu em um contexto em que haviam por parte de alguns líderes a necessidade de estruturar um debate sobre a crise do socialismo e a ascensão do neoliberalismo. Luiz Inácio Lula da Silva e Fidel Castro Ruz, ambos líderes partidários em seus países decidiram realizar encontros como “O Encontro de Partidos e Organizações de Esquerda da América Latina e do Caribe”, que tinham como principal centro de debate o papel da esquerda latino americana nesse contexto de crise. Segundo os autores, representantes de partidos sul americanos lideravam aquele debate e foram maioria se compararmos com a presença de representantes da América central e caribenha, apesar disso, o evento foi considerado um marco histórico para as forças de esquerda, pois havia pela primeira vez um evento de tal natureza que abrangia partidos e movimentos que defendiam ideias de esquerda (POMAR; REGALADO, 2013).

O encontro de partidos foi uma convocatória do PT que teve mais tarde a adesão de vários partidos. Contribuiu o fato de o Partido dos Trabalhadores ser considerado um partido pluralista, que englobava diversos movimentos e pelo expressivo resultado alcançado por Lula da Silva nas eleições de 1989 no Brasil. Segundo os autores essas foram as principais causas de já no primeiro encontro realizado em São Paulo ter havido uma expressiva e qualitativa presença por parte de representantes de partidos e movimentos (POMAR; REGALADO, 2013).

A convocatória em São Paulo, no ano de 1990, fez com que surgisse a necessidade de um próximo encontro que aconteceu na Cidade do México em 1991, e no qual os representantes do Partido dos Trabalhadores (PT), Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMNL) de El Salvador, Partido Comunista de Cuba (PCC) e Partido Unificado Mariateguista do Peru (PUM), formaram uma comissão para formular o Projeto da Declaração de São Paulo, que em suma identificou os ideais dos participantes do primeiro

---

<sup>9</sup> POMAR, Valter. Entrevista concedida à autora, João Pessoa – PB. Março de 2015;

encontro em São Paulo e serviu como um documento de oficialização de tais ideais (POMAR; REGALADO, 2013).

Convocados pelo Partido dos Trabalhadores (PT), reunimos em São Paulo, Brasil, representantes de 48 organizações, partidos e frentes de esquerda da América Latina e do Caribe. Inédito por sua amplitude política e pela participação das mais diversas correntes ideológicas da esquerda, o Encontro reafirmou, na prática, a disposição das forças de esquerda, socialistas e anti-imperialistas do subcontinente para compartilhar análises e balanços de suas experiências e da situação mundial. Abrimos, assim, novos espaços para responder aos grandes desafios com os que se deparam hoje nossos povos e nossos ideais de esquerda, socialistas, democráticos, populares e anti-imperialistas (DECLARAÇÃO DE SÃO PAULO *apud* POMAR, REGALADO, 2013, p. 11)<sup>10</sup>.

Depois de longas discussões sobre o nível de pluralismo que os encontros poderiam ter ficou decidido já no segundo encontro que o nome oficial do evento seria Foro de São Paulo, e deve-se levar em consideração que já nesse segundo encontro oficial na Cidade do México, haviam mais representantes de todo o espaço latino americano, principalmente América Central e Caribe que tiveram poucos representantes no primeiro encontro em São Paulo (POMAR; REGALADO, 2013).

Com o decorrer dos anos muitas discussões foram feitas, e avanços obtidos por parte dos representantes de esquerda no continente. É necessário salientar as vitórias da esquerda progressista no Brasil, com a reeleição de Lula, na Bolívia com a eleição do presidente Evo Morales, Hugo Chávez reeleito na Venezuela, Daniel Órtega que foi eleito Presidente na Nicarágua, e vários outros ótimos desempenho de candidatos progressistas na região. Mas o Saldo mais positivo para os autores foram os avanços na integração promovidos por Argentina, Brasil, Uruguai e Venezuela, onde os governos decidiram avançar na promoção de integração física e energética. O Foro de São Paulo nesse sentido apoio projetos de integração defendidos pelos partidos membro, onde uma vez que se mostram com lideranças em governos apresentam potenciais projetos para avanço em integração social, econômico e em infraestrutura (POMAR; REGALADO, 2013).

Declaramos o nosso compromisso de trabalhar, a partir dos nossos partidos, para impulsionar essa nova integração em andamento, cuja agenda deve ser cada vez mais ampliada para atender os interesses dos nossos povos. Queremos que a integração signifique, além de acordos comerciais, uma agenda de complementação produtiva, acessibilidade aos mercados regionais e abertura de outros, instrumentos financeiros comuns, complementação física e de comunicações, integração energética, articulação em matéria de defesa, preservação dos recursos naturais, complementação educativa, científica e tecnológica, integração cultural e

---

<sup>10</sup>POMAR, V. V. R. ; REGALADO, R. . **Foro de São Paulo**: construindo a integração latino-americana e caribenha. 1. ed. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 1. 296p.

complementação em direitos trabalhistas e seguridade social (POMAR, e REGALADO, 2013, p. 153) <sup>11</sup>.

Pomar e Regalado (2013) defendem que o projeto de integração regional deve levar em consideração os diversos níveis de diversidades existentes na região, que contribuem para que se observem as assimetrias e complexidades que devem ser analisadas em decorrência da heterogeneidade das sociedades latino americanas. Dessa maneira defendem que os Partidos políticos e movimentos devem se aproximar cada vez mais desse processo para que as amarras sejam aos poucos desfeitas pelos governos que até então possuem as bases legais para andarem os processos (POMAR; REGALADO, 2013).

O saldo positivo das grandes discussões do Foro foram os debates sobre linhas legislativas e políticas públicas que precisavam ser executadas para o enfrentamento da questão considerada essencial, que é a Integração regional promovida de forma sustentável englobando em grande medida a participação da sociedade civil e dos Partidos Políticos que os representam. Para os autores, uma ação articulada dos Partidos de esquerda é de grande importância no âmbito de cada país para que se possa ter mais força frente aos setores dominantes, e fazer avançar em cada país essa frente de luta popular rumo à integração completa da América Latina (POMAR; REGALADO, 2013).

As ações do Foro segundo concretamente são mais ligadas a maior capacidade de fomentar o debate político criando meios para os mesmos, contribuindo para que a sociedade civil organizada entenda sua importância no projeto defendido pelos partidos participantes do Foro.

O fraterno e franco debate do Foro teve como importante contribuição o documento-base elaborado e apresentado pelo Grupo de Trabalho. Ele foi enriquecido pelo intercâmbio realizado. As delegações assistentes fizeram próprias as propostas contidas no documento: 1) A publicação de um boletim eletrônico mensal. 2) A constituição de uma escola continental de formação política. 3) A realização de um Festival político cultural. 4) A criação de um observatório eleitoral. 5) Desenvolver uma política orientada à juventude e de promoção da arte e da cultura. O Grupo de Trabalho se dedicará a discutir as medidas que permitirão a sua implementação (...) (Declaração Final do XIII de San Salvador em Janeiro de 2007 *apud* POMAR e REGALADO, 2013, p. 166).

O grupo de trabalho é composto pela secretaria executiva do Foro de São Paulo que ao final de cada encontro determina resoluções sobre a conjuntura internacional e sobre temas relacionados a questões mais específicas bem como também temas globais. Um exemplo é o acompanhamento de eleições em diversos países, mandando delegações, ou ainda, organizando como se dará todo o debate do foro, e a sequência dos mesmos, o relatório do grupo de trabalho pode ser visto como uma agenda dos eventos e dos temas que serão

---

<sup>11</sup>POMAR, V. V. R. ; REGALADO, R. . **Foro de São Paulo**: construindo a integração latino-americana e caribenha. 1. ed. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 1. 296.

abordados, mas é importante entendê-lo como uma análise e comparação com toda a trajetória do Foro de São Paulo, as linhas e objetivos que serão seguidos e foram seguidos de acordo com a conjuntura internacional existente (FORO DE SÃO PAULO, 2011).

Segundo o relatório do Grupo de Trabalho do Foro que aconteceu no México em 2011, a primeira etapa de construção do evento entre os anos de 1990 a 1997 teve como principal objetivo a resistência ao neoliberalismo que estava em ascensão nesse período, dentro no cenário político econômico mundial. A segunda etapa do Foro entre 1998 a 2009 teve uma mudança significativa de foco, pois com a expansão dos partidos de esquerda e progressistas, principalmente na América Latina, havia a necessidade de pensar na manutenção de algumas vitórias e conquistas de outras. Atualmente vemos a uma mudança de objetivo nas discussões do Foro de São Paulo, principalmente em decorrência da crise do capitalismo mundial, onde iniciasse o debate da possível deterioração da hegemonia norte americana e o forte contra ofensiva dos partidos de direita na América Latina onde a esquerda se vê enfrentando inúmeras dificuldades de permanência no poder (FORO DE SÃO PAULO, 2011).

Para o grupo de trabalho do Foro de São Paulo, a união continental latino americana e a estratégia da união da esquerda podem ser articuladas pelo Foro por meio de debates que já ocorrem no âmbito do encontro. O principal objetivo deve ser a preparação de uma estratégia comum das forças de esquerda do continente, esta que por sua vez necessita de mecanismos organizacionais que viabilizem a implantação de tais estratégias. O Foro nesse sentido deve lutar pela manutenção dos debates sobre a construção do socialismo, crise do capitalismo no século XXI e as estratégias da esquerda na região (FORO DE SÃO PAULO, 2011).

O corpo executivo do FSP, as estratégias e as ações devem ter uma nova roupagem visto que se observa na conjuntura política atual da América Latina uma grande ofensiva da direita. Ampliar o diálogo e a capacidade de elaboração de ações concretas para a Esquerda latina americana e caribenha está entre os principais objetivos dos representantes do Foro. As secretarias regionais do Foro de São Paulo são essenciais para a qualidade do debate, e para que sejam facilitadas ações mais concretas em níveis locais. A secretaria do Cone Sul e a Andino-amazônica, por exemplo, tem encontros periódicos com o corpo executivo do Foro, para discussão de questões mais locais, e que contemplem principalmente a importância da integração sub-regional, abarcando iniciativas como o Mercosul, Unasul, entre outros organismos que estão no processo da integração regional sul americana (FORO DE SÃO PAULO, 2011).

O Partido dos Trabalhadores tem um papel muito importante para a atuação do foro em um nível sub-regional. Segundo Valter Pomar (2012), o PT além de fazer parte da secretaria executiva e construir bases para dar suporte às esquerdas da região, tem o governo que criou meios para se avançar concretamente no âmbito do Mercosul, Unasul e da Celac (POMAR, 2012).

### **2.3 ESCOLAS DE FORMAÇÃO POLÍTICA DO FORO DE SÃO PAULO**

Dentro do Plano de Trabalho da Secretaria de Relações Internacionais do PT há também o trabalho de cunho educativo. Em parceria com a Fundação Perseu Abramo, a SRI organiza diversas atividades com a militância petista com o objetivo de contribuir para a compreensão de temas relevantes, bem como também na produção de conhecimento por meio de periódicos, livros, notas, em meio eletrônico ou impresso (SRI; PARTIDO DOS TRABALHADORES, 2015).

A formação política da sociedade civil é uma das grandes preocupações que foram debatidas ao longo dos anos no Foro de São Paulo, para que no espaço Latino Americano houvesse uma integração mais fortalecida e com viés socialista. A preocupação com as futuras gerações e a educação das mesmas voltadas para o entendimento de todo o processo político vivido até aqui, principalmente no que se referem às lutas dos movimentos e partidos de esquerda para a transformação social do espaço latino americano (FORO DE SÃO PAULO, 2013).

O diálogo com o tema da integração regional é o principal objetivo do centro de capacitação e escolas de formação política, pensadas em conjunto pelos partidos do Foro de São Paulo. A formação e capacitação política é um elemento essencial para que ações concretas sejam realizadas em conjunto e acordo, como por exemplo, a produção de conhecimento dos partidos seja feita a partir de um aporte metodológico de pesquisa comum e teorias que expliquem a realidade dos partidos de esquerda latino americanos (FORO DE SÃO PAULO, 2013).

A SRI também faz parte de do grupo de reflexão sobre Relações Internacionais (GR-RI) que organiza atividades internamente e externamente ao Foro de São Paulo, além de englobar a participação de movimentos sociais instituições acadêmicas e governos para discussão e participação nos eventos. Apesar disso a escola de formação política do foro, criada recentemente, merece destaque já que foi um dos projetos do Foro que deram certo concretamente em termos de ação política coordenada pelos partidos participantes do Foro. O Partido dos Trabalhadores nesse sentido tem um papel essencial por trabalhar já a nível nacional com a Fundação Perseu Abramo, que é uma importante instituição criada pelo PT, de

certa forma fora das instâncias partidárias produzindo o conhecimento, debates e pesquisas de cunho político e ideológico para a sociedade em geral (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2015).

A fundação Perseu Abramo foi criada em 1996 por uma iniciativa do Partido dos Trabalhadores, concretizando um dos primeiros projetos do partido de criar um espaço de pesquisa e produção de saberes, nos moldes da pluralidade em que se caracteriza o mesmo, também pela importância da formação política dos militantes. Apesar de ter sido instituída pelo Partido dos Trabalhadores, a fundação tem autonomia jurídica e administrativa, beneficiando todo o espaço brasileiro por possuir meios de disseminação do conhecimento (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2015).

Além da Fundação Perseu Abramo, o Partido dos Trabalhadores criou desde o 3º congresso nacional, a Escola Nacional de Formação, que tem como principal objetivo implantar a política nacional de formação, a qual foi definida no próprio estatuto do Partido. É definido no artigo 241 do Partido dos Trabalhadores:

A formação política, coerente com a característica plural e democrática do Partido, deve ser estimuladora do exercício crítico, superando o dogmatismo e a retransmissão de verdades prontas. Sua metodologia deve adotar como base a pluralidade de visões e interpretações existentes no Partido e na sociedade, fazendo do debate, da dúvida e da polêmica, uma estratégia sempre presente em suas atividades (ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PT, 2015, p.1).

É importante destacar que a Escola busca ascender na militância a análise crítica sobre as diversas questões inerentes a sociedade e a política, contribuindo para que os mesmos tenham a capacidade de formular suas decisões a partir do socialismo democrático, ou seja, a partir dos princípios que contribuíram para a construção do projeto político do PT. A diretoria executiva da escola é composta também pela participação do titular do núcleo de formação da fundação Perseu Abramo bem como também do próprio partido, o que caracteriza a escola por ter vínculo com todas as iniciativas que buscam promover a formação política das bases, como o Foro de São Paulo (ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PT, 2015).

A ideia do intercâmbio de ideias e informações entre os partidos que compõem o Foro é uma das principais premissas do mesmo, nesse sentido a criação da escola de formação política latino americana e caribenha foi amplamente defendida durante toda a história do Foro de São Paulo. No encontro de El Salvador em 2007, a criação de uma escola foi uma das resoluções para a ação do grupo de trabalho do Foro nos anos seguintes. É interessante notar que já em 2013 durante o XIX já ocorria o segundo evento realizado pela escola de formação política do Foro de São Paulo, caracterizando um salto importante na concretização de um importante objetivo defendido pelo FSP. A II escola de formação política do Foro em 2013

realizada na cidade de São Paulo teve vários temas abordados, mas tendo como foco principal a questão da integração regional como acelerar e aprofundar mudanças, além de reuniões com partidos do Foro que compõem o Mercosul (POMAR; REGALADO, 2013).

### **3 ANÁLISE DA ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL NO GOVERNO LULA**

#### **3.1 A POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO LULA DA SILVA**

A política externa do Brasil nos mandatos do ex. presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi voltada para que os objetivos sociais e econômicos se materializassem, dentro dos projetos que o governo propunha para o país no período. Nesse sentido, Marco Aurélio Garcia (2010), defende que na formulação de política externa existia certa coerência entre as políticas públicas internas e segundo ele, o governo atuava no sentido de se aproximar do projeto de desenvolvimento nacional mais do que se inserir no cenário internacional e se projetar na região (GARCIA, 2010).

Para os seus mandatos Luiz Inácio contou com um programa de governo que abarcava justamente essas linhas de atuação. Em termos de objetivos sociais temos que o governo se preocupou com o tema da fome e da erradicação da pobreza onde contou com o desenvolvimento durante seus dois mandatos dos projetos Bolsa Família e Fome Zero, bem como também na criação e no avanço do Sistema Único de Saúde (SUS). Com relação ao novo modelo de desenvolvimento nacional, via-se a necessidade da criação de uma dinâmica que fizesse com que o país crescesse e distribuísse a renda, diminuindo a desigualdade social existente no País (GARCIA, 2015).

Quando Lula esteve à frente do Estado brasileiro houve certa aproximação entre governo e Itamaraty, onde estavam encabeçadas as lideranças: Celso Amorim e Samuel Pinheiro Guimarães. A opção pela tentativa de integração Sul Americana parece ser uma das características principais do Governo Lula, quando o fortalecimento da aliança com a Argentina, facilitariam para implantação de estratégias de integração principalmente no que concerne o âmbito do MERCOSUL. Para os autores, o Brasil nesse contexto assume uma espécie de liderança ou ator promotor para que a integração de fato acontecesse (MARRA; NAZARENO, 2007).

O papel do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) ilustra bem essa ideia, quando se observa que desde 2003 no primeiro mandato do governo Lula da Silva, o banco mais que dobrou os investimentos em projetos voltados para a tentativa de integração regional sul americano. De modo geral os investimentos públicos são motivados, pois há uma parceria com empresas locais atrelados ao Estado, facilitando a contratação do Banco, e dando um caráter político ao apoio do BNDES aos projetos de integração regional (COUTO, 2013).

É importante acrescentar a essa ideia da opção pelo fortalecimento, criação e implementação de estratégias para a integração, que nos anos 2000 houve o que podemos chamar de “Relançamento do Mercosul”, onde os Estados Parte do bloco decidiram dar

prioridade a algumas áreas de atuação que ao final facilitariam a conformação do MERCADO COMUM DO SUL. Um dos avanços nesse sentido foi o Protocolo de Olivos criado Para Solução de Controvérsias e ilustra a vontade dos Estados em continuar e avançar cada vez mais no processo de integração regional. (MERCOSUL, 2015). Sobre o Protocolo o mesmo foi assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ratificado pelo Ministro Celso Amorim em 2004 em sua natureza traz uma iniciativa de reciprocidade entre os Estados Parte, uma vez que destaca a importância da criação de mecanismos que facilitem a solução de controvérsias, as negociações diretas, entre outras, como negociações e sujeição a entrada de processo em tribunal arbitral Ad Hoc (BRASIL, 2015).

Para Rangel Júnior e Ruiz Ferreira (2015), o diplomata Celso Amorim ao ser escolhido para ocupar o cargo de Ministro das Relações Exteriores nos dois mandatos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, deu a oportunidade de caracterizar a política externa do ex. presidente como “inovadora”. Defendem eles que houve inovação por meio da implementação de novas ideias e aplicação de novos processos dentro dos assuntos relacionados à política externa brasileira.

De sorte que a inovação a que nos referimos, na política externa brasileira, pode ser considerada como uma mudança de caráter substancial que promove um novo ambiente, um novo status do país no cenário internacional. Esta mudança está amparada por intensificação ou criação de ideias, princípios e de procedimentos (RANGEL JUNIOR; FERREIRA, 2015, p. 01)<sup>12</sup>.

Vigevanni e Cepaluni (2007) defendem que a política externa do governo Lula refletiu em alguma medida as linhas da atuação do Partido dos Trabalhadores, que possuem por sua vez a agenda de Relações Internacionais desde a sua fundação na década de 70. A América do Sul merece uma análise especial dentro dessa conjuntura de possível alinhamento. Para os autores a política externa do governo Lula foi caracterizada pela vertente das negociações internacionais e uma busca pela coordenação com os países em desenvolvimento (VIGEVANNI; CEPALUNI, 2007).

Para os autores não houve uma ruptura no que se considera a tradição diplomática brasileira no governo Lula, mas tampouco se deve deixar de levar em consideração que a política externa de Lula da Silva teve uma diferente atuação a partir das crenças ideológicas e diferentes ações que buscavam resultados específicos em algumas áreas. O que não foi deixado de lado, porém, foi o projeto de desenvolvimento econômico e manutenção da

---

<sup>12</sup>RANGEL JUNIOR, Antonio Guedes; FERREIRA, Carlos Enrique Ruiz. **Celso Amorim e a Nova Política Externa Brasileira**. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/celso-amorim-e-a-nova-politica-externa-brasileira-1980.html>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

autonomia política, que foram características presentes em outros momentos anteriores à administração de Lula da Silva (VIGEVANNI; CEPALUNI, 2007).

As ideias tiveram grande peso na formulação de política externa de Lula, tendo em vista que as equipes que conduziram temáticas na área tinham certa carga ideológica, além do próprio presidente. As principais mudanças percebidas após a virada de poder para a esquerda no Brasil foi o que muitos autores chamam de “retorno ao Terceiro Mundismo”, termo muito utilizado pela oposição do Partido dos Trabalhadores quando caracteriza a política externa de Lula. Apesar disso os autores defendem a ideia de que, a política externa de Lula da Silva refletiu na verdade uma dinâmica mudança nas políticas internas, e na nova configuração externa do Sistema Internacional (VIGEVANNI; CEPALUNI, 2007).

Os autores destacam ainda sobre a política externa de Lula da Silva, que o Ex. presidente petista seguiu em grande medida o que alguns críticos chamariam de “diplomacia presidencial”, característica muito forte também em governos anteriores (VIGEVANNI; CEPALUNI, 2007). Já o autor Paulo Roberto de Almeida (2003), caracteriza em um primeiro momento a atuação de Lula da Silva como sendo marcada por uma “diplomacia profissional”, quando na escolha de seu Ministro das Relações Exteriores, escolhe Celso Amorim - antes Chanceler no governo Itamar, bem como também no governo Fernando Henrique Cardoso (ALMEILDA, 2003).

Em entrevista com o Professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC, Valter Pomar<sup>13</sup> em uma entrevista sobre a política internacional do Partido dos Trabalhadores fala um pouco sobre como ele classifica a atuação internacional do presidente Lula da Silva. Pomar (2015) diz que Lula representou em grande medida o que seria considerado como a diplomacia presidencial, pois o mesmo teve uma presença física muito importante na interlocução internacional, mas que trabalhou em conjunto com os anseios dos ministérios, de empresas em um ambiente muito favorável que foi o Sistema Internacional na época. Outro Ponto importante que Pomar salienta foi o fato de que Lula da Silva ao liderar o Partido durante 20 anos aprendeu muito sobre Relações Internacionais no âmbito partidário, o que contribuiu muito com seu desempenho e sua postura quanto à prioridade e ênfase nos assuntos internacionais do governo (POMAR, 2015).

Na verdade a política externa aplicada no governo Lula não foi a política internacional do PT, foi a confluência entre a política internacional que o PT acumulou ao longo de 20 anos e a política de um setor do Itamaraty: Celso Amorim, Samuel Pinheiro Guimarães, Ítalo Zappa,

---

<sup>13</sup> Valter Pomar é professor de Relações Internacionais da Universidade do ABC, foi secretário de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores, entre os anos de 2005 a 2010, assumiu a secretaria executiva do FORO de São Paulo entre 2005 à 2013; Valter Ventura da Rocha Pomar: Currículo Lattes. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4769274Y7>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

Paulo Nogueira Batista, Moniz Bandeira (...) O outro aspecto é que para a diplomacia presidencial que o Lula fez, ajudou muito o fato de que ele ter construído ao longo de mais de 20 anos, Relações Internacionais na condição de presidente do PT. Então isso não foi ruim, para o governo, nem para o Lula e nem para o País. Por que deu ao Lula a possibilidade de exercer um papel nas relações internacionais muito positivo (POMAR, 2015, p. 6)<sup>14</sup>

O destaque dado ao o papel do Itamaraty, unido à outros fatores ligados à ideologia partidária - como a atuação de Lula da Silva ao longo de anos como Dirigente partidário-, pode ajudar-nos a entender porque algumas ações foram tomadas pelo governo, em matéria de Política Externa, e não outras, principalmente no que concerne ao alinhamento prioritário com países em desenvolvimento (POMAR, 2015).

### **3.2 POLÍTICA EXTERNA DE LULA DA SILVA PARA A AMÉRICA DO SUL: IMPASSES E AVANÇOS**

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva no geral, em seus dois mandatos teve como prioridade da sua política externa, a opção para realização de uma política Sul-Americana, e segundo Marco Aurélio Garcia (2010), o governo efetivou essa prioridade por meio do arranjo do Mercosul e outras iniciativas criadas. É perceptível segundo o autor que houve grandes dificuldades por parte dos governos para efetivar políticas e avançar de uma associação puramente comercial, para desenvolver-se em outras dimensões, dentre elas a integração produtiva (GARCIA, 2010).

Para Garcia (2010), apesar de todas as dificuldades, a ampliação do número de países associados é um fato que merece destaque ao final do segundo mandato do governo Luiz Inácio Lula da Silva. Passam a fazer parte associada do bloco todos os países da América do Sul, e ainda Cuba e México, estabelecendo dessa forma acordos com países da América Latina. Com essa dinâmica mais ampla, o bloco do Mercosul, abre espaço para mais uma tentativa de integração, que foi a Unasul - União das Nações Sul Americanas (IBIDEM).

Desde a década de 60 várias tentativas de integração regional surgem na América, mas somente nos 2000 começa a tomar forma a ideia de que os doze países sul americanos tinham necessidade da criação de um organismo que buscasse abarcar iniciativas de políticas comuns entre eles. Em 2004 com os doze presidentes se reuniram em Cusco, no Perú, e decidem formar a Comunidade de Nações Sul-Americanas (CASA), que se transforma em Unasul um pouco mais tarde, no ano de 2008, em Brasília. Havia então um desejo conjunto de tornar o espaço Sul Americano em um ambiente integrado, e a construção um ambiente de unidade complementando as ações em foros regionais e internacionais, e ajudando na solução de

---

<sup>14</sup> POMAR, Valter. Gravação em áudio. Entrevista concedida em pesquisa de campo a Thauana Ribeiro de Moraes, João Pessoa – PB março de 2015.

controvérsias que existem dentro do continente. A Unasul tem como principal objetivo construir de maneira justa um espaço para articulação em questões econômicas, culturais e sociais (UNASUL, 2015).

Marco Aurélio Garcia (2010), em sua análise sobre a integração da região Sul – Americana defende que havia necessidade de construção de instrumentos mais sólidos para a integração produtiva. Para ele relações limitadas ao comércio podem em grande medida dificultar a integração propriamente dita, e ainda em alguma medida aumentar as assimetrias existentes entre os países do Mercosul. A criação do Banco do Sul, ligado mais especificamente aos países da Unasul, representa justamente um instrumento para desenvolver a iniciativa de integração. No caso mais específico da América do Sul, representado pelo Mercosul, é necessário consistência e rapidez para tornar a região mais um polo de poder, dentro da atual configuração multipolar que o mundo vive (GARCIA, 2010).

As assimetrias já existentes entre os países representam em grande medida um impasse para integração. Na América do Sul o Brasil apresenta uma grande diferença de tamanho territorial, populacional e econômico o que reflete na complexidade de criar mecanismos integracionistas mais sólidos para com seus vizinhos. Também é conferido ao Brasil grande responsabilidade, e assume um papel de defensor da diminuição das assimetrias que existe entre os países, principalmente no que concerne a América do Sul (GARCIA, 2010).

Sobre essa questão das assimetrias é importante salientar a criação do Focem em 2004 e seu estabelecimento em 2006, pois este se constituiu como um marco no que concerne ao enfrentamento das assimetrias destacado por Marco Aurélio Garcia. O autor Leandro Freitas Couto (2013), destaca que a preocupação com as assimetrias existentes entre os países da América do Sul refletiu na maior institucionalização do diálogo entre os países da região. O Focem surge então para financiamento de programas para convergência estrutural e coesão social, ajudando ainda mais a fortalecer o processo de integração entre os países do Mercosul (COUTO, 2013).

O Papel do Brasil é de extrema importância para o Fundo, segundo o Portal do Ministério do Planejamento, o país conta com a reponsabilidade de 70% das doações a partir do terceiro ano de criação, ou seja, no segundo mandato do presidente Lula da Silva a soma de doações chegou a 100 milhões. Além da tentativa de diminuir assimetrias em diversas áreas principalmente a social, o Fundo tem como um dos principais objetivos fortalecer a estrutura institucional do processo de integração (MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, 2015).

O autor Paulo Roberto de Almeida (2003) em seu balanço geral sobre a política externa de Lula nos dois mandatos, destaca a prioridade explícita para com o alargamento do Mercosul, onde afirma que o governo investiu fortemente para tornar a iniciativa de integração mais forte, que apesar de todas as dificuldades conseguiu novos associados (ALMEIDA, 2003). Ao analisarmos desde as primeiras iniciativas do governo vemos a importância dada à América do Sul e ao Mercosul, por parte do Presidente Lula da Silva, que segundo Mendelski de Souza (2011), se materializou em seguida pela criação de novas entidades e iniciativas de integração como a UNSAUL. Segundo o autor, se torna evidente que com essa iniciativa de integração regional, a política Externa de Lula da Silva é caracterizada pela defesa do multilateralismo no Sistema Internacional (SOUZA, 2011).

Os autores Vigevani e Cepaluni (2007) vão destacar alguns pontos importantes no que concerne a política externa de Lula da Silva para a América do Sul. Primeiro a relação bilateral e histórica com a Argentina, que foi mantida no governo Petista, e dentro de todas as dificuldades, a clara estagnação na afirmação do Mercosul. Os autores acreditam que esse último fenômeno ocorre por um motivo estrutural, dentro da lógica da negação regionalista que ainda existe. A criação UNASUL reflete em grande medida a dificuldade dessa afirmação, e uma nova estratégia de aproximação com todos os países da América do Sul. No primeiro mandato de Lula da Silva, os autores afirmam o grande esforço dado pelo governo no projeto da nova iniciativa, principalmente como forma de alternativa ao Mercosul (VIGEVANI; CEPALUNI, 2007).

As relações entre Brasil e Argentina são centrais para os dois países, e no contexto do segundo mandato do Governo Lula da Silva esse cenário continua sendo importante. Vale salientar que no caso da América do Sul os dois países são os grandes baluartes da iniciativa de integração. Porém o que dificultou a criação de mecanismos mais integracionistas foi justamente a estrutura produtiva dos países, que não se complementam, e não neutralizam debilidades estruturais, que são fatores importantes para criar estratégias de integração (VIGEVANI; RAMANZINI JÚNIOR; 2009).

Na integração regional entre países pobres, é difícil a construção de políticas compensatórias que facilitem a adesão social a um bloco regional. Num contexto político internacional em mudança – e agora de crise econômica –, a existência de governos que têm afinidades genéricas não tem sido suficiente para aprofundar as políticas de integração (VIGEVANI; RAMANZINI JÚNIOR, 2009, p.06).

A crise econômica que ocorreu em 2008 para os autores é também um fator que fez com que pudessem ser intensificadas as relações entre os países sul americanos, porém em termos concretos pouco foi feito. O mercado dominante dos países em desenvolvimento não

permitem ações que a integração regional necessita, e dessa forma com a crise os Estados se voltaram para soluções particulares e não integradas. O que se observou na análise dos autores foi contrapostos interesses em questões particulares relacionadas à economia. Isso em grande medida ocorreu pela dificuldade de assimilar a ideia da integração pelas elites produtivas da região (IBIDEM).

Para Vigevanni e Ramanzini Júnior (2009) o Mercosul teve avanços bastante relevantes na área comercial, segurança e convergência estratégica, mas tem diversas dificuldades que não foram solucionadas e estão longe de ser. A não complementariedade econômica é uma dessas dificuldades, diferentemente da União Europeia onde se observa essa característica muito claramente. Outro ponto que se relaciona com a importância econômica do bloco é que as traders são as grandes responsáveis pelo comércio intrabloco, e essas são representadas pelas multinacionais focando em grande medida nos interesses globais dominantes, estando também vulneráveis à crises. Outro ponto que deve ser levado em consideração segundo Vigevanni, é que a partir dos anos 2000 houve uma convergência política entre os países do Mercosul, porém não foi suficiente para realizar ações concretas de integração regional. A baixa governabilidade dos Estados representa ainda um fator decisivo para o autor no que concerne a criação de políticas para integração, há a necessidade então de uma mudança interna para que se colham bons resultados em futuras iniciativas para integração (VIGEIVANNI, RAMANZINI JÚNIOR, 2009).

O conceito de autonomia para se explicar um certo tradicionalismo na política externa brasileira, desde os anos 90 pode nos ajudar a entender o porque das dificuldades de implementação de ações concretas do Brasil para integração com seu entorno aqui denominado como Mercosul e América do Sul. A integração dentro desse contexto tradicional da autonomia traria ao país as amarras de um projeto compartilhado e institucionalizado.

Na análise dos fundamentos da política externa brasileira têm relevância dois conceitos: autonomia e universalismo, que servem para explicar parte dos rumos e das estratégias de diálogo do Brasil com o mundo. A tradição e a retórica visam buscar a reafirmação desses conceitos social e historicamente construídos e inserem-se no conjunto de percepções subjetivas que informam, em alguma medida, as ações dos atores políticos. Estão nos quadros cognitivos que influenciam a diplomacia brasileira e corroboram a sua retórica de tradição e continuidade (VIGEIVANNI; RAMANZINI JÚNIOR, 2009, p.09).

Ainda sobre esse tradicionalismo Valter Pomar vai dizer que na realidade a Política Externa de Lula da Silva esteve atrelada em seus dois mandatos a um setor específico do Itamaraty que compartilhava das mesmas ideias construídas pelo Partido em toda sua história em Relações Internacionais. Era basicamente uma corrente que se opunha a lógica conservadora que antes dominava o debate na instituição, mas que não necessariamente

estavam ligadas ao Partido, para ele houve muito mais uma “coincidência” de ideias, o que ajudou de certa forma na implementação de projetos inovadores, como um maior alinhamento com os países do Sul (POMAR, 2015).

Então no Itamaraty havia uma corrente que se opunha a lógica do PSDB, a lógica liberal, a lógica dependente, e não foi só de agora, desde os anos 50 temos isso. Desde pelo menos os anos 50 tem setores do Itamaraty que construíram uma política externa específica, e quando a gente chega ao governo conflui com o que a gente defendia (...) o fato de que no Itamaraty e na política externa como um todo tinham setores que tinham coincidência conosco e não são petistas, ou não eram petistas (POMAR, 2015; Pg. 6).

Como citado anteriormente, o Itamaraty teve um papel muito relevante dentro da dinâmica de alinhamento com a América do Sul. A presença de diplomatas que apoiaram o projeto de Política Externa do governo Lula, fez com que fosse facilitado, e de certa forma contribuiu para um melhor desempenho do governo em Relações Internacionais já que os ideais estavam sendo compartilhados entre alguns setores do Itamaraty, do Governo e Partido.

### **3.3 ANÁLISE DE MARCO AURÉLIO GARCIA SOBRE O GOVERNO LULA DA SILVA**

A figura de Marco Aurélio Garcia como ator importante a ser analisado dentro da temática de política externa brasileira no governo Lula da Silva acontece em grande medida porque durante um longo período o mesmo atuou na área de Relações Internacionais, seja como docente e pesquisador, bem como também quando atuou como secretário de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores. O fato mais importante de sua trajetória na área foi a sua nomeação como assessor especial para política externa da Presidência da República, nos dois mandatos de Lula. É importante salientar que Marco Aurélio foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores na década de 1980, assim como também um grande atuante nas diversas campanhas e dinâmicas partidárias (ENTREVISTA COM MARCO AURÉLIO GARCIA, 2004).

A função de Marco Aurélio Garcia como assessor especial do presidente Lula em seus dois mandatos pode em alguma medida ter influenciado o governo ter tomado alguns rumos e não outros, principalmente quando se diz respeito à ênfase na América Latina. Como Explica o professor Valter Pomar (2015), o papel dele foi muito importante apesar de sua função não ter sido uma criação atípica, mas o fato de ele ter experiência em relações internacionais no campo partidário conferiu a ele um bom status na América Latina em termos de liderança. Pomar explica ainda que suas ideias estavam em congruência em grande medida porque os dois – Lula da Silva e Marco Aurélio - tinham trabalhado dentro do PT, exercendo funções

parecidas, fazendo com que no governo suas ideias e ações fossem alinhadas (POMAR, 2015).

Foi muito útil para a política externa que Marco Aurélio estivesse lá, porque ele tinha muita experiência na área, tinha sido secretário de relações internacionais do PT, é muito conhecido na América Latina, Então foi bastante útil (...)os dois fizeram uma política internacional em paralelo, mas ele cumpriu um papel muito importante durante os dois governos Lula. As três questões em que a influencia do PT foi importante nas relações internacionais: a ênfase na integração latino americana, a aproximação com os BRICS, e uma intensificação das relações com a África (POMAR, 2015, p.07)<sup>15</sup>.

Utilizando um pouco mais seu posicionamento Marco Aurélio Garcia (2010) em alguns estudos sobre a área de política externa vai atentar para a dinâmica mais perceptível nos últimos anos que é a inserção de novos atores no cenário mundial, atores estes que antes eram considerados como periferia e são eles: China, Índia, Brasil, Indonésia, África do Sul, entre outros. Essa nova dinâmica destacada por ele pode ser fruto de um mundo em que cada vez mais se observam relações multilaterais entre países, que por sua vez se unem em polos, transformando-se em grande medida em centros dinâmicos da economia mundial. (GARCIA, 2010).

Para o autor não se pode excluir a ideia de que o mundo pode estar assistindo a uma configuração multipolar, e diante de todas as transformações é natural que surjam novos fenômenos como o da tentativa dos múltiplos pólos de poder (Garcia, 2010). Dentro desse contexto é perceptível que o governo Lula da Silva desde 2003 elenca como principais objetivos o crescimento econômico atrelado à inserção internacional, promovendo democracia dentro do Sistema e criando novas possibilidades para maior consistência na integração com a América do Sul (GARCIA, 2008).

O Brasil com a representação do governo de Lula da Silva escolhe uma política externa com prioridade na América do Sul:

Essa opção decorre da percepção brasileira acerca das potencialidades da América do Sul no mundo de hoje, mas, sobretudo, no de amanhã. O continente tem o maior e mais diversificado potencial energético do planeta, se levarmos em conta suas reservas hidrelétricas, de gás e de petróleo, além de sua capacidade de produção de biocombustíveis. A América do Sul possui a maior reserva de água doce do mundo. Sua agricultura ocupa lugar de destaque, não só pela extensão e fertilidade de suas terras, como pelos avanços científicos e tecnológicos alcançados nos últimos anos. Suas jazidas minerais são enormes e diversas. Para um mundo que se mostra (e se mostrará mais ainda) ávido de energia, água, alimentos e minérios, os fatores antes alinhados mostram quão relevante pode ser a contribuição da região para o desenvolvimento da humanidade. (GARCIA, 2008, p.1)<sup>16</sup>

<sup>15</sup> POMAR, Valter. Gravação em áudio. Entrevista concedida em pesquisa de campo a Thauana Ribeiro de Moraes, João Pessoa – PB. Março de 2015.

<sup>16</sup> GARCIA, Marco Aurélio. **A Opção Sul-Americana**. 2008. Disponível em: <<http://interessenacional.uol.com.br/index.php/edicoes-revista/a-opcao-sul-americana/>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

O projeto da política externa liderada pelo presidente Lula foi uma estratégia atrelada ao objetivo do desenvolvimento econômico do Brasil e da região, defendido também pelo assessor Marco Aurélio. É importante destacar que esse fim, depende de muitos fatores negativos a serem superados na região, dentre eles a erradicação da pobreza, a diminuição das disparidades sociais e ausência de uma interconexão entre os países. Esses fatores para o autor apesar de terem sido melhorados demandam um esforço conjunto, principalmente no que se refere à interconexão entre os países (GARCIA, 2008).

Além das dificuldades na integração político social, observa-se por Marco Aurélio a dificuldade da integração na área comercial. A existência de inúmeros arranjos multilaterais formado dos países da região para ele ajuda a dificultar uma relação mais estrita com a América do Sul. Outro fator que dificulta essa aproximação mais econômica entre os países da sul americanos é a existência de desigualdade econômica, então para superar esse desafio da desigualdade coloca-se para a região a necessidade de outros mecanismos de integração. Apesar de tudo em seu estudo sobre a opção Sul- Americana, o autor afirma que o Brasil possui superávit de exportações com todos os países sul americanos, exceto a Bolívia, mas observa-se a necessidade de superar as relações para além do campo comercial, por exemplo, fortalecendo a ideia de política continental (GARCIA, 2008).

Para o assessor especial de relações internacionais de Lula da Silva, a integração Sul Americana pode ser viabilizada mais rapidamente depois que houver algumas características da região sendo desenvolvidas. A primeira é a persistência da desigualdade social, fruto de um processo histórico de Estados ainda em desenvolvimento tanto no que diz respeito aos sistemas políticos e econômicos. A segunda diz respeito a necessidade da criação de estratégias para o desenvolvimento infraestrutural e também energético – o último considerado um dos grandes potenciais da região (GARCIA, 2008).

Não por acaso essas questões, junto com a criação de mecanismos financeiros, como o Banco do Sul, estão no centro das discussões da União das Nações Sul-Americanas (Unasul), cujo Trata do Constitutivo está em processo de elaboração. A contradição entre a consciência da necessidade da integração e o ritmo lento em que ela se realiza – sem falar dos conflitos e retrocessos eventuais – pode ser explicada pela diversidade dos processos econômicos, sociais e políticos em curso em cada um dos países (GARCIA, p.01, 2008)<sup>17</sup>.

Para Couto (2013) A iniciativa para a integração da infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) foi mais um passo no governo Lula que pode ser considerada um avanço. Foram 31 projetos de infraestrutura considerados prioritários. É importante entender que

---

<sup>17</sup> GARCIA, Marco Aurélio. **América do Sul: do Destino à Construção**. 2008. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/internacional/america-do-sul-do-destino-construcao?page=full>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

segundo Couto, o desenvolvimento econômico igual entre os países requer a implantação de outras iniciativas, e uma delas está atrelada a infraestrutura do espaço Sul-Americano, deixando de lado a ideia de que a integração não avançou e na realidade os governos em alguma medida procuraram desenvolver seus espaços dinâmicos (COUTO, 2013).

O período em que Lula da Silva governou o país foi um momento bastante favorável para que a integração pudesse avançar de alguma forma e saísse do campo das ideias. O avanço do emprego e da renda, e um mundo cada vez mais multipolar – transformando a visão de que o unilateralismo poderia desenvolver de forma mais rápida os países. Vale salientar ainda, que a região sul americana apresentava-se como uma zona de paz e com grande extensão territorial e diversidade a serem exploradas (GARCIA, 2008).

O papel do BNDES para o processo de integração regional pode também ajudar a ilustrar de forma mais concreta, a saída do campo das ideias à qual o assessor Marco Aurélio se refere. O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) teve um importante papel nas iniciativas para tentativa de integração no governo Lula, financiando muitos projetos e obras de infraestrutura, segundo o autor Leandro Couto (2013). O autor destaca que nos anos 2000 há um novo projeto de desenvolvimento sendo observado no Brasil, e que coincide com o grande salto de crescimento do Banco, principalmente no segundo mandato do presidente Lula quando o BNDES participa de financiamentos para projetos em infraestrutura na América Latina e em grande medida na América do Sul, promovendo uma grande internacionalização do Banco e diminuindo as assimetrias existentes entre os países (COUTO, 2013).

#### 4 CONCLUSÃO

O objetivo da presente pesquisa foi tentar relacionar o papel do Partido dos Trabalhadores e sua atuação internacional na dinâmica de promoção da integração regional como política defendida pelo partido e promovida pelo governo, mais especificamente o governo Lula da Silva em seu segundo mandato. A escolha desse objeto se deu porque se observa na história do Partido uma forte tendência à defesa de políticas que priorizassem a aproximação do Brasil com todo o continente latino americano, e uma tendência mais forte ainda de aproximação com a América do Sul. Observou-se em um primeiro momento a aproximação com partidos de esquerda e progressistas latino americanos, e na conquista do presidente Lula da Silva à administração do país uma possível inclinação às políticas até então defendidas pelo partido. Sendo assim, ao longo dos capítulos foram desenvolvidos os objetivos específicos para alcançar tal objetivo proposto.

No primeiro capítulo foram expostas as ideias gerais que permeiam a formação política do Partido dos Trabalhadores, seu histórico que no Brasil começa na luta pelo fim Ditadura Militar, e pela adoção desde a sua formação de uma alternativa ao projeto neoliberal que permeava o sistema econômico internacional desde o final da Guerra Fria. Como Eric Hobsbawm afirma o mundo desde a década de 70 começou a presenciar diversas crises no âmbito econômico e que impactaram diversos sistemas políticos ideológicos da época, a exemplo do socialismo Europeu, que em um determinado período viveu a ascensão, e posteriormente se fragilizou diante das crises do Sistema Internacional. Dentro desse contexto onde a força capitalista vai se ascendendo, nasce no Brasil, em meio à ditadura um partido que se denomina como plural e com uma estrutura interna democrática, defendendo ideais socialistas e a aproximação com o continente latino americano para um desenvolvimento integrado e simétrico.

O “Socialismo Petista” ao ser definido pelo próprio Partido como uma alternativa aos socialismos até então existentes, é caracterizado pela grande defesa à democracia dentro das dinâmicas partidárias, pelo pluralismo de ideias, sendo o mesmo fundamental para manutenção de tais dinâmicas democráticas e da cultura libertária defendida pelo partido. A existência de diferentes tendências ideológicas ligadas ao socialismo, a parceria com outros partidos brasileiros e ao redor do mundo, e o trabalho em conjunto com movimentos sociais são uma grande característica do Partido, que podem também influenciar na sua interlocução internacional, ou ainda ajudar a entender sua atuação em parceria com outros partidos Latino Americanos.

As parcerias entre Partido dos Trabalhadores e os partidos de tendência progressista e socialista da América Latina começam mais especificamente com a solidariedade que existe entre os Partidos e movimentos que lutavam contra a ditadura na América Latina, e tinham o mesmo ideal político e social para os países que enfrentavam ditaduras, assim como no Brasil. Entretanto, as parcerias do Partido não se limitavam à região, parcerias com na Europa, África, Ásia, e aos poucos foi observada uma interlocução mais ampla, através de intercâmbios, encontros, seminários, participação em eventos, entre outras dinâmicas que evidenciam uma atuação plural do PT internamente e externamente.

Dentre as dinâmicas realizadas pelo Partido a criação do Foro de São Paulo merece destaque. Seu surgimento acontece mais especificamente no período em que decresce o Socialismo, e se observa o fim da Guerra Fria na década de 90. A criação do Foro segundo os documentos oficiais do Partido dos Trabalhadores foi uma tentativa de resistência da esquerda na região Latino Americana, onde apesar da queda do socialismo europeu, sentiu-se a necessidade de criação de alternativas numa região que estava em desenvolvimento e sentiria cada vez mais os impactos do capitalismo e neoliberalismo como modelo de desenvolvimento econômico.

O PT nesse sentido parece ter contribuído de acordo com a literatura exposta para construção de um cenário de diálogo permanente entre as forças de esquerda, que por sua vez, criaram estratégias para colocar alguns planos em ação como tornar o Foro um evento frequente, para que ele fosse mais um instrumento de ação estratégica dos Partidos. É importante destacar, porém, que o Foro não foi a única organização permanente com o qual o PT dialogava e interagia, existiam arranjos sul americanos, como a rede Mercocidades, a COPPAL, Fórum Social Mundial que integrava toda a América Latina e o mundo.

Ao longo dos anos de atuação do Partido em Política Internacional, duas coisas parecem não ter mudado, como a pluralidade de ideias, parcerias na interlocução internacional e a ênfase na defesa pela aproximação com a América Latina, uma expressão forte dessa última foi a então criação do Foro de São Paulo e sua manutenção nas dinâmicas.

Pode-se dizer que o Partido dos Trabalhadores como organização partidária criou meios ao longo de sua trajetória política para pensar em alternativas para integração, e o desenvolvimento da América do Sul. Defende-se que o mesmo foi um agente promotor e o próprio Foro de São Paulo pode ser um exemplo disso. O que é de extrema importância diferenciar para que seja feita uma análise mais lúcida, é o papel dos Partidos, e o papel dos governos. A Secretaria de Relações Internacionais do PT criada desde os anos 80 tem uma atuação muito diversa e ao que foi exposto, por Valter Pomar, intermedia toda a interlocução

plural defendida e realizada pelo PT em âmbito internacional. Em termos de ação, a política internacional à qual Ana Maria Stuart define parece ter sido bem fixada pelo partido, sua prioridade é e sempre foi a defesa da integração regional, com foco no desenvolvimento e aproximação da América do Sul, como mostram os arquivos oficiais do Partido e do Foro de São Paulo (FSP).

A criação do FSP foi um marco que de certa forma contribuiu para o desenvolvimento dessa política internacional defendida pelo PT em sua trajetória. Além da aproximação com os partidos de esquerda do continente, a vitória nas eleições por muitos desses partidos em seus países nos últimos anos foi considerado pelo PT e pelos representantes do FSP um reflexo do trabalho realizado ao longo dos anos, em termos de articulação, intercâmbios de ideias, entre outros. Em suma, ao chegarem ao poder alguns partidos tiveram a oportunidade de colocar em prática a política defendida e desenvolvida ao longo dos anos, como por exemplo, o Brasil, Argentina e Venezuela que avançaram consideravelmente em termos de integração regional, elegendo e reelegendo candidatos de esquerda. Nesse sentido as secretarias regionais do Foro, por exemplo, a secretaria do Cone sul, tem sua importância no fomento do debate para ações mais concretas a nível mais local, em um diálogo que se materializa com menos partidos que em grande medida tem poder de ação pois tem representações em governos.

As ações do Foro, segundo alguns autores e dirigentes como Valter Pomar e Regalado não passaram muito do debate político, em detrimento dos meios para se chegar à um resultado estarem mais atrelados a ação dos governos e não nos partidos. Apesar disso, o fomento ao debate promovido principalmente pelos Partidos que compõem o FSP é de grande importância em termos educacionais onde a sociedade civil tem a oportunidade de conhecer, opinar e participar de debates com temas muito importantes para o desenvolvimento da sociedade, como o tema da integração regional.

Ainda sobre os avanços do FSP, e suas ações mais concretas é necessário destacar a Escola de Formação Política do Foro de São Paulo que em parceria com organizações ligadas aos Partidos realizam cursos, palestras e outras dinâmicas ligadas à produção de conhecimento e desenvolvimento intelectual das bases dos partidos e das sociedades em geral. A Fundação Perseu Abramo (FPA) e todas as suas dinâmicas como organização ligada ao Partido dos Trabalhadores podem ser tidas como exemplos das ações da Escola de Formação Política do FSP. A FPA além de oferecer cursos, possui uma plataforma on-line, com informativos, periódicos, livros, vídeos, entre outros meios que demonstram a preocupação que o Partido dos Trabalhadores teve com relação à formação crítica e intelectual da

sociedade, e especialmente das bases de sua militância. Então, vê-se que além da articulação em um âmbito mais regional para com a formação intelectual da sociedade latino americana há ações concretas por parte do Partido em um âmbito mais local por parte do FPA ou ainda da Escola de Formação Política do PT.

Em termos de ação governamental para promoção da integração regional da América do Sul, temos que apesar de o PT possuir uma prioridade em política internacional definida, de acordo com a pesquisa feita, o governo Lula encontrou diversas dificuldades para implantar a mesma política, e apesar de tudo alguns avanços foram observados. O projeto de desenvolvimento nacional que Garcia (2010) destaca como prioridade do governo Lula da Silva pode nos levar a entender que a possível maior aproximação com a América do Sul aconteceu para que esse objetivo maior fosse alcançado. Se destacarmos alguns projetos que foram realizados pelo governo Lula da Silva como o FOCEM, que foi um dos grandes passos dados pelo seu governo e que estavam alinhados com a política internacional do PT e visava criar meios para diminuição de assimetrias entre os países vizinhos, contribuindo dessa forma para o projeto de integração regional então defendido.

Sobre esse ponto é necessário destacar também o papel do BNDES e os investimentos realizados por ele, para que se intensificassem as iniciativas de integração no segundo mandato de Lula da Silva, onde se destacou o aumento dos investimentos. De acordo com Couto (2013), observou-se um caráter também político às iniciativas do Banco, e que foram importantes para que se avançasse em alguns aspectos relacionados às parcerias do Brasil com alguns países em desenvolvimento, e mais especificamente à América do Sul.

A análise de Vigevanni e Cepaluni (2007) sobre o governo Lula da Silva e sua política externa alinhada com o que foi defendido em termos de política internacional pelo PT, merece considerável destaque visto que os autores acreditam que a crença ideológica partidária de certa forma influenciou as ações do governo. O projeto de desenvolvimento nacional e a autonomia em política externa são duas características de governos anteriores a Lula da Silva e permaneceram no governo petista. Segundo eles, outras características tiveram grande peso na formulação de política externa, por exemplo, o papel das ideias nas equipes de gestão e também para o próprio Presidente Lula da Silva. As ideias, ou a ideologia formada ao longo dos anos, no campo da política internacional pelo Partido dos Trabalhadores desde a década de 70, a maior aproximação com a América Latina, o foco nas relações com a América do Sul, a construção de um Sistema Internacional em que se tenha como tema a inclusão social parecem ter permeado em grande medida às ações em política externa do Brasil no governo Lula.

Segundo Pomar, a diplomacia presidencial era uma característica assistida, principalmente porque em sua trajetória partidária Lula esteve muito ligado ao âmbito das relações internacionais junto com seu Assessor especial Marco Aurélio Garcia. A escolha do Ministro de Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim teve também influência das ideias em suas ações, onde os autores Rangel e Ferreira (2015) defendem que com essa escolha houve a intensificação de princípios trazidos por dirigentes partidários tomadores de decisão do governo e procedimentos tradicionais do Itamaraty.

Dentro do cenário multipolar à qual alguns autores se referem depois da Guerra Fria, o Brasil tinha um papel muito importante, principalmente na região, onde o então Ministro das Relações Exteriores do governo Lula, Celso Amorim destaca a importância da multipolaridade benigna que caracterizava as ações do governo ao dar prioridade à parceria com países em desenvolvimento. Relaciona-se a essa ideia o que no histórico do Partido dos Trabalhadores foi defendido como a interlocução plural nas Relações Internacionais, com foco na colaboração da região Sul Americana por meio da aliança com partidos e movimentos, contribuindo então para uma política internacional mais democrática.

Como exemplo dessas ações, temos a ampliação do MERCOSUL, e novos países associados bem como também a criação da UNASUL, como foi destacado na pesquisa. Instrumentos mais sólidos para intensificar a integração também foram criados, apesar de em um primeiro momento não ter sido suficiente para concretizar uma integração regional, mas apresentam-se foram iniciativas válidas. Observa-se ainda o papel do Banco do Sul, e do FOCEM que visavam mais uma vez promover aquilo que na política internacional do Partido era imprescindível que é o desenvolvimento de instrumentos para avanço da integração do espaço latino americano diminuindo as assimetrias entre os países.

Por fim, analisar o papel de Marco Aurélio Garcia como parte da equipe de tomadores de decisão em política externa é de extrema importância, quando relacionado ao pensamento dos autores Vigevani e Cepaluni sobre o papel da ideologia política nas ações realizadas pelo governo. Sua trajetória dentro do Partido na área de Relações Internacionais, bem como também como um dos fundadores do mesmo nos dão a entender que sua formação política e ideológica ajudou nas tomadas de decisão do governo. Assim como Pomar (2015) também destaca em entrevista, o papel dele dentro do governo junto com Lula foi imprescindível, pois os dois já eram conhecidos na América Latina pela trajetória construída dentro do Partido, e que deu de fato muito espaço para que a maior aproximação com países em desenvolvimento fosse uma das prioridades na política externa do governo.

Em suma, pode se dizer que o governo Lula da Silva em sua formulação de política externa foi em alguma medida alinhado com a ideologia política do Partido dos Trabalhadores, principalmente no que concerne seu alinhamento com países em desenvolvimento e sua grande aproximação com a América Latina, em especial a América do Sul. Os projetos realizados pelo BNDES, o FOCEM e o IIRSA, que foram citados na presente pesquisa, representam de alguma forma um resultado do que foi planejado ao longo de anos em parceria com os partidos sul americanose um reflexo das discussões, intercâmbios, eventos que envolveram todo esse planejamento.

Contudo, seja no Foro de São Paulo, seja na formação política das militâncias, o Partido dos Trabalhadores como organização e na liderança do governo, promoveu muito mais ações no campo das ideias, do que poderia ter feito. Pomar e Stuart citam que não se deve confundir o que pode ser realizado por um partido e o que pode ser realizado por um governo, no campo da política internacional e da política externa. O PT como organização partidária em um primeiro momento parece ter definido bem suas linhas de política internacional. Quando nos voltamos para a política externa, o governo Lula da Silva representou na medida do possível uma significativa aproximação com o projeto político ideológico do PT.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. A política internacional do Partido dos Trabalhadores: da fundação à diplomacia do governo Lula. **Rev. Sociol. Polit.** 2003, n.20, pp. 87-102.

AMORIM, Celso. Uma visão Brasileira do Panorama Estratégico Global. **Contexto Int.** vol.33 no.2 Rio de Janeiro July/Dec. 2011

\_\_\_\_\_, Celso. A Política Externa Brasileira no governo do Presidente Lula (2003-2010): uma visão geral. **Rev. bras. polít. int.**, 2010, vol.53, n.spe, pp. 214-240.

BRANDFORD. Sue; KUCINSKI. Bernardo. **Lula and The Workers Party In Brazil.** The New Press, New York: 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. **Planejamento e Investimentos: Focem - Fundo para a Convergência Estrutural e Fortalecimento Institucional do Mercosul.** Disponível em: <<http://www.planejamento.gov.br/ministerio.asp?index=10&ler=t3431>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. Luiz Inácio Lula da Silva. . **Protocolo de Olivos para a Solução de Controvérsias no Mercosul.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d4982.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d4982.htm)>. Acesso em: 11 mai 2015.

COUTO, Leandro Freitas. **Desenvolvimento, Integração e Assimetrias: caminhos e descaminhos da aproximação regional na América do Sul.** Brasília: Fundação João Mangabeira (FJM). 2013. 254p.

ENTREVISTA com Marco Aurélio Garcia. [s.i]: **Roda Viva**, 2004. Disponível em: <[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/574/entrevistados/marco\\_aurelio\\_garcia\\_2004.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/574/entrevistados/marco_aurelio_garcia_2004.htm)>. Acesso em: 21 abr. 2015.

ESCOLA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PT. **Sobre a Escola Nacional de Formação.** Disponível em:<<http://www.enfpt.org.br/node/10>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

FORO DE SÃO PAULO. **Formação política como elemento de integração da AL e Caribe é apontada no XIX Foro de São Paulo.** 2013. Disponível em: <<http://forodesaopaulo.org/formacao-politica-como-elemento-de-integracao-da-al-e-caribe-e-apontada-no-xix-foro-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **Relatoria Del Grupo de Trabajo.** 2011. Disponível em: <<http://forodesaopaulo.org/relatoria-del-grupo-de-trabajo/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Histórico.** Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/content/historico-0>>. Acesso em 20 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **Resolução sobre tendências do partido dos trabalhadores.** Disponível em:<<http://csbh.fpabramo.org.br/uploads/resolucaosobretendencias.pdf>> Acesso em: 29 jun.2015.

GARCIA, M. A. (Org.). **LULA Presidente: Programa de Governo 2007 - 2010**. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano\\_governo.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_governo.pdf)>. Acesso em: 11 mai. 2015.

\_\_\_\_\_, Marco Aurélio. **A Opção Sul-Americana**. 2008. Disponível em: <<http://interessenacional.uol.com.br/index.php/edicoes-revista/a-opcao-sul-americana/>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

\_\_\_\_\_, Marco Aurélio. **América do Sul: do destino à construção**. 2008. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/internacional/america-do-sul-do-destino-construcao?page=full>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

\_\_\_\_\_, Marco Aurélio. **Notas Sobre o Mundo em 2011**. 2010. Disponível em: <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/internacional/notas-sobre-o-mundo-em-2011?page=0,1>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

\_\_\_\_\_, Marco Aurélio. **Governos de Esquerda: a integração da América do Sul e as ações dos governos**. 2011. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br/content/governos-de-esquerda-integracao-da-america-do-sul-e-acoes-dos-governos>>. Acesso em: 29 nov. 2014.

HOBSBAWN, Eric. J. **1917 – Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO LULA. **Projeto Fome Zero (2000-2001)**. Disponível em: <<http://www.institutolula.org/projeto-fome-zero-2000-2001/>>. Acesso em: 29 de maio de 2015.

MARRA, Terezinha ; NAZARENO, E. . A política externa do governo Lula. In: ESTAY, Jayme; OLIVA, Carlos (Org.). **Anuario de Integración Latino americana y Caribeña**. Araraquara: Unesp, 2007, p. 118-127.

MERCOSUL. **Uma Nova Etapa**. Disponível em: <[http://www.mercosur.int/msweb/portal\\_intermediario/pt/mercosul/mercosul.html](http://www.mercosur.int/msweb/portal_intermediario/pt/mercosul/mercosul.html)>. Acesso em: 11 maio 2015.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **Nossa História**. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/nossa-historia/>>. Acesso em: 25 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **5º CONGRESSO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES**. Caderno de textos. 2015.

\_\_\_\_\_. **Secretaria de Relações Internacionais**. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/secretaria/relacoes-internacionais/>>. Acesso em: 01 de Julho de 2015.

POMAR, Valter. **A foice, o martelo e a estrela**. 1. ed. São Paulo: Editora Página 13, 2014. v. 1. 234p .

\_\_\_\_\_, Valter. **Gravação em áudio de entrevista concedida à autora**. João Pessoa – PB. Março de 2015;

\_\_\_\_\_, Valter. **O PT e o Foro de São Paulo**. 2012. Disponível em: <<http://forodesaopaulo.org/o-pt-e-o-foro-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

\_\_\_\_\_, Valter; REGALADO, R. **Foro de São Paulo: construindo a integração latino-americana e caribenha**. 1. ed. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2013. v. 1. 296p .

\_\_\_\_\_, Valter; **Notas Sobre a política Internacional do PT: Textos para debate 7**. São Paulo: Secretaria de Relações Internacionais do PT, 2012.

RANGEL JUNIOR, Antonio G.; FERREIRA, Carlos Enrique Ruiz. **Celso Amorim e a Nova Política Externa Brasileira**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-gri/celso-amorim-e-a-nova-politica-externa-brasileira-1980.html>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

RESOLUÇÕES DO 3º CONGRESSO PARTIDO DOS TRABALHADORES. **De 30 de agosto à 2 de setembro de 2007**. São Paulo, Brasil. – Porto Alegre : Fundação Perseu Abramo, 2007. p.125-146.

SADER, E. ; GARCIA, M. A. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Boitempo, 2010. 200p.

SOUZA, Bruno Mendelski de. **Breve balanço da Política Externa do Governo Lula para a América do Sul**. Disponível em: <<http://mundorama.net/2011/01/12/breve-balanco-da-politica-externa-do-governo-lula-para-a-america-do-sul-por-bruno-mendelski-de-souza/>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

STUART, Ana Maria in CRUZ, Sebastião Carlos Velasco. **O Brasil no Mundo: ensaios de análise política e prospectiva**. São Paulo: Editora UNESP: Programa San Tiago Dantas de Pós Graduação em Relações Internacionais da Unesp, Unicamp e PUC-SP, 2010.

UNASUL. **Sobre a UNASUL**. Disponível em: <<http://www.isags-unasur.org/unasul.php?lg=1>>. Acesso em: 11 maio 2015.

VIGEVANI, Tullo; RAMANZINI JUNIOR, Haroldo. Mudanças da inserção brasileira na América latina. **Lua Nova**. n.78, pp. 01-04. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452009000300006>>. Acesso em 20 abr. 2015.

VIGEVANNI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. **A Política Externa de Lula da Silva: a Estratégia da Autonomia pela Diversificação**. Contexto Internacional, Rio de Janeiro, v. 2, n. 29, p.273-335, jul. 2007.

## ANEXO

### **Entrevista com Valter Pomar nos dias 13 e 14 de março de 2015 em João Pessoa/PB:**

1. Meu trabalho vai ter como marco temporal o segundo mandato do governo Lula, então ele engloba justamente o período que você estava à frente da secretaria de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores, ou seja, entre os anos de 2007 e 2010. Ele tem cinco objetivos basicamente, o primeiro, relacionado ao PT, e a ideologia petista, e então lendo alguns textos escritos por você, vi que você faz parte da linha de esquerda do PT, que é chamada tendência de esquerda. Gostaria de saber se o socialismo petista se encaixa nessa tendência fielmente, ou há dificuldades claras para implantar isso dentro do Partido.

(Valter Pomar): Sempre houve muita polêmica dentro do PT acerca da política do governo, no primeiro mandato do Lula, no segundo, e na Dilma agora. Porém, na época do Lula, mesmo no momento em que havia mais polêmica acerca da política de governo, a área na qual havia mais apoio partidário era a área externa, ou a política externa do governo. As divergências que existem dentro do PT acerca do programa, da estratégia e acerca da tática, da organização e da ação do partido, elas não se refletem, ou melhor, não aparecem com a mesma intensidade, quando a gente discute política internacional, é por isso que, por exemplo, eu fui secretário de relações internacionais do PT, durante o período do segundo mandato do Lula, e nunca, ou melhor, teve um episódio em que houve uma disputa interna dura, acerca de uma posição que a secretaria adotou só que neste caso, foi uma postura nossa: acerca dos bombardeios que Israel estava fazendo contra Gaza. O posicionamento não tinha nada a ver com a política do governo. Havia uma polêmica interna ao PT. A polêmica interna ao PT nem era ligada às tendências propriamente ditas. A nota que gerou essa polêmica foi assinada por mim e pelo presidente do Partido, e porque eu estou dizendo isso, porque o fato de eu ser da tendência, A, B, ou C, ou defender essa ou aquela orientação, não foi determinante na política de Relações Internacionais do PT.

A política de Relações Internacionais do PT nesse período foi a política do PT mesmo, ou seja, não foi expressão do Secretário ou de uma corrente interna ideológica, foi uma expressão se não, de cem por cento do PT, se não de uma política unitária de dentro do partido, e isso

refletia duas coisas: refletia uma unidade do PT em política internacional e refletia um certo acordo do PT em relação a política externa do governo. Vou te contar uma anedota pra você entender o que eu estou querendo falar. O partido socialista Chileno tinha relações históricas com o Partido dos Trabalhadores, e quando eu assumi a secretaria eles mantiveram as relações formalmente normais, mas eu notava que tinha certo mal estar, e o mal estar se diluiu três ou quatro anos depois, quando eu tive acesso a um comunicado interno deles em que eles diziam o seguinte, e diziam expressamente isso, não estou interpretando: ao contrário do que nos imaginávamos a política da Secretaria de Relações Internacionais PT sob o comando do Valter Pomar, é a política do PT, não é a política nem dele, nem da tendência dele. É a política que expressa a posição do partido, por isso nós temos que ter relação com ele, e não adianta querer, ou seja, só pra te dar um exemplo, parceiros nossos demoraram para entender que a política que o partido fazia naquela época na área de RI, era uma política do partido. Não era uma política nem minha nem da Secretaria, o que é igual pelo contexto.

Repete a tua pergunta.

2. Na verdade é uma pergunta bem geral, a tendência de esquerda do Partido, reflete o socialismo petista, se você acha que reflete fielmente ou há dificuldades claras?

(Valter Pomar): O PT tem uma definição sobre socialismo no papel, certo? Essa definição foi se alterando com o passar do tempo. A definição mais recente foi aprovada no terceiro congresso do PT, em 2007, eu era secretário de Relações Internacionais, naquele momento, e a resolução que está lá foi apresentada por nós e foi aprovada pelo PT por unanimidade. Então digamos assim, a resolução que fala do Socialismo Petista, e que tem esse nome inclusive, foi aprovada por unanimidade, ou pelo menos é amplamente consensual dentro do partido. Só que há o seguinte: entre a resolução e a ação política, vai uma imensa distancia certo? Então o tema principal é que você tem um setor grande do PT, pra quem essa resolução é apenas uma resolução. Veja não tem nenhuma incidência prática na ação política do PT, então é mais ou menos o que a gente costuma falar, do católico que vai a igreja no domingo, certo? O grau de compromisso de um amplo setor do partido com essa resolução é muito baixo.

Dentro do PT, tem uma parcela grande do partido que não conhece a resolução, tem uma parcela que conhece e não dá a mínima, mas trabalha porque de fato tem a ideia de que socialismo é não uma outra sociedade, mas sim que o socialismo é a luta por melhorar as condições de vida do povo dentro do capitalismo. Essa visão sobre o socialismo é muito forte em amplos os setores do PT, a chamada esquerda petista que não é uma tendência são várias

tendências tem uma opinião diferente dessas, ou seja, tem a opinião de que o PT deveria na sua ação política traduzir, materializar essa visão de socialismo.

3. Eu queria que também dentro dessa temática, saber se você acredita que as transformações que ocorreram tanto no Sistema Internacional na época do governo Lula, e no Brasil principalmente porque houve transformações sociais, se você acha que isso influenciou o pensamento das pessoas, do partido, pra esse socialismo petista.

(Valter Pomar): O Período do segundo mandato do Lula é o período que ocorre a crise internacional de 2007 e 2008, então isso reforçou muito dentro do PT, o ponto de vista daqueles que dizem: olha, o capitalismo é um sistema instável, é um sistema que gera crises e miséria social, é um sistema que gera para a periferia do mundo efeitos catastróficos, portanto é fundamental tentar superar o capitalismo. Então influenciou as pessoas nesse sentido, deixou as pessoas mais pré-dispostas a ouvir uma análise crítica sobre o capitalismo, e mais pré-dispostas a ouvir sobre alternativas. Agora isto não quer dizer que, tenha produzido uma postura majoritária no PT para construir uma estratégia de luta pelo socialismo. E aí são duas coisas diferentes.

Veja: no âmbito do sentimento, e da percepção as pessoas estão mais predispostas, e no âmbito da política, materializar essa pré-disposição numa orientação de, qual é o nosso caminho para o socialismo? Isso ainda não se verificou.

Hoje se eu fosse pegar o 1.800.000 filiados ao PT, a maioria dessas pessoas filiadas não são socialistas, são pessoas que defendem a justiça social, que é outra coisa. Não defendem a superação do capitalismo e a construção de outra ordem baseada na propriedade social dos meios de produção. O que mudou a partir de 2007 e 2008 é a quantidade de pessoas que defendem a justiça social, e que isso só é possível numa outra ordem social. Mas veja, aumentou em um partido que a quinze ou vinte anos atrás, era 80 ou 90% socialista, então entenda ele saiu na década de 80 em que os filiados tinham uma visão clara sobre o que era o socialismo e evoluiu para uma situação em que 2000, 2001 e 2002, a maioria dos filiados tem uma visão vaga e acha que socialismo é a justiça social, e agora está começando de novo a ver um pêndulo a favor de identificar justiça social como superação do capitalismo e construção de outra ordem social, mas isso está no começo só. A crise ajudou, mas é só o começo

4. Sobre a articulação de esquerda, porque como você foi da secretaria, eu fiquei pensando se isso influenciou a forma como você agiu dentro da secretaria de Relações Internacionais do PT, em alguns direcionamentos.

(Valter Pomar): Bem o que teve foi o seguinte, a política que eu implementava, era a política do Partido, agora o fato de eu ser ligado a esquerda do PT, facilitou o trânsito do PT junto a alguns setores fora do país, que estavam muito ressabiados com o comportamento político dos secretários anteriores. Pra você ter uma ideia os secretários que me antecederam na secretária foram o Paulo Delgado que iniciou o governo Lula, e convidou internacional socialista pra fazer um congresso aqui no Brasil, mandando uma espécie de recado de que o PT poderia vir a integrar a internacional socialista, coisa que nunca dentro do PT, ninguém levou a sério, mesmo setores mais moderados do PT, nunca imaginaram o PT fazendo parte da internacional socialista, porque a internacional socialista reúne basicamente partidos muito moderados e muito europeus, com interesses distintos dos nossos.

O Paulo Delgado, digamos assim, era mais realista que o ele usou a condição de secretário pra fazer um evento aqui, e tudo bem, as pessoas participaram, e transmitiu aos interlocutores na Europa, uma disposição de o PT vir a integrar. Então eu arrastei, durante alguns anos depois que eu virei Secretário, assim volta e meia eu tinha que “desmentir” que o PT primeiro fizesse parte da internacional socialista, e segundo que quisesse fazer parte, e terceiro que fizesse uma discussão a respeito. Obvio que isso gerou (essa atitude do Paulo Delgado), entre alguns partidos críticos à social democracia, uma dúvida muito grande sobre o PT. Quando eu entrei esses partidos acreditavam no que eu estava falando, talvez fossem pessoas de outro setor do partido e não tivesse essa confiança.

Outro Secretário que veio em seguida foi o Aluísio Mercadante, que foi um secretário muito ausente então assim desse ponto de vista o contraste foi menos no que diz respeito a política, e mais no que diz respeito ao fato de que no período em que eu fui secretário eu era um Secretário muito presente no âmbito internacional. Eu ia às atividades, dialogava com os partidos, tinha diálogo com o conjunto dos partidos e não apenas com um setor ou com um interlocutor, entendeu? Então o fato de eu ser de uma tendência minoritária no partido acabou ajudando nessa postura de querer dialogar com todo mundo, e imediatamente anterior a mim tinha o Paulo Ferreira que protagonizou um período muito complexo. Para falar o mínimo, por que ele foi, pra te localizar, quando se reuniu o Foro de São Paulo, na mesma época em que o Lula tinha acabado de ser eleito, houve um Foro em Antigua na Guatemala, e eu não estava presente, então eu sei disso porque eu já ouvi essa história contada por vinte

interlocutores diferentes, e houve um debate sobre a declaração, porque as declarações do Foro de São Paulo sempre são consensuais e obvio sempre metem a boca nos Estados Unidos. Nessa circunstância, o Paulo Delgado e o Paulo Ferreira que estavam presentes foram contra a declaração, porque a declaração “metia o pau” nos Estados Unidos, às vésperas de uma reunião do Lula com o Busch. Como um velho quadro da área de Relações Internacionais, chegou a dizer pra ele o seguinte: Vocês acham que o Busch vai ler alguma declaração do Foro de São Paulo? Resultado: O Lula foi a essa reunião com a estrela do PT no terno, e enquanto o Paulo Delgado e o Paulo Ferreira faziam esse papel na reunião do Foro, o Lula vai pra reunião com a estrela do PT. E houve vários episódios desse tipo, em que se tentou na gestão do Paulo Ferreira, alinhar demais o PT, a participação do PT, no FORO, a conduta do governo. Coisa que não é da nossa tradição. E, então assim, a medida que eu entrei, essa resistência também existia. Agora algumas coisas que foram atribuídas a mim, quando na verdade houve uma mudança na política do PT, ou seja, coincidiu a minha entrada com uma inflexão na política externa do PT, foi o segundo mandato do Lula, o governo e o PT mais a esquerda. Então não era porque eu estava lá, entendeu?

5. A segunda questão é sobre o Lula, e o que você acha - se você concorda - da característica que alguns atribuem a ele que é a característica da diplomacia partidária. E se você acha que essa característica que alguns autores colocam, tem a ver com a característica do PT de ser internacionalista e plural na interlocução internacional.

(Valter Pomar): Veja, como Presidente, o Lula fez muito a “diplomacia presidencial” ele teve uma presença física muito importante, tanto que no período que ele esteve na presidência, não era o Itamaraty que fazia política externa, era o Itamaraty e o presidência da república, certo? O que é uma coisa absolutamente normal e teria sido normal também se aqui no Brasil não houvesse uma diferença entre o estado que são eles (a elite) e o governo que somos nós. Houve por parte da oposição e alguns setores do PSDB, a crítica de que o governo estaria partidarizando a política externa, talvez seja disso que você está falando. Essa afirmação, que é gozada porque vem justamente do PSDB, então quando eles partidarizam pode, quando a gente aplica nossa política é partidarizar. Na verdade a política externa aplicada no governo Lula não foi a Política Internacional do PT, foi à confluência entre a política internacional que o PT acumulou ao longo de 20 anos e a política de um setor do Itamaraty: Celso Amorim, Samuel Pinheiro Guimarães, Ítalo Zappa, Paulo Nogueira Batista,

Moniz Bandeira. Esses caros expressam uma tradição de Política Internacional, que foi gestada no próprio Itamaraty, várias vezes na história brasileira.

O Itamaraty teve uma política externa mais independente e isso tem a ver com um conflito meio potencial que existe entre: você tem uma burguesia no Brasil que é dependente que é associada, num país que é muito poderoso então, volta e meia tem conflito. Então no Itamaraty havia uma corrente que se opunha a lógica do PSDB, a lógica liberal, a lógica dependente, e não foi só de agora, desde os anos 50 temos isso. Desde pelo menos os anos 50 tem setores do Itamaraty que construíram uma política externa específica, e quando a gente chega ao governo conflui com o que a gente defendia. Então não dá pra dizer que a política externa do governo Lula tenha sido a do Partido dos Trabalhadores. Nem a gente pode dizer isso, nem eles podem dizer isso. Porque? porque a política externa do governo Lula incluiu a política dos nossos ministérios da agricultura da indústria e do comércio nas negociações comerciais, implicou no apoio do governo a presença de empresas brasileiras no exterior, implica discussão sobre o papel da Petrobrás no âmbito internacional enfim, geralmente quem fala que a política externa do governo Lula foi a política externa do PT, faz um recorte da política externa, pega um ou dois aspectos, e diz bom, olha como isso é parecido com o que PT defendia! E aí, desconsidera todo o resto. Primeiro que todo o resto é muito mais amplo do que isso, eu não estou dizendo se é bom ou se é ruim, eu só to dizendo que é muito mais amplo. Está certo? Exemplo: Mesmo Celso Amorim que adotou uma postura de conflito com os EUA, em questões fundamentais é o mesmo que na Organização mundial do Comércio patrocinou um acordo rompendo com os BRICS e rompendo com os aliados nossos lá, em torno da questão de aceitar certas demandas que os EUA fazia. Uma postura que eu achei totalmente errada, mas era o mesmo. Mostra que a política externa brasileira não foi a do PT.

Então assim, os que fazem a crítica recortam um pedaço da política e omitem o fato de que no Itamaraty e na política externa como um todo tinham setores que tinham coincidência conosco e não são petistas, ou não eram petistas. O outro aspecto é que para a diplomacia presidencial que o Lula fez, ajudou muito o fato de ele ter construído ao longo de mais de 20 anos, Relações Internacionais na condição de presidente do PT. Então isso não foi ruim, para o governo, nem para o Lula e nem para o País. Por que deu ao Lula a possibilidade de exercer um papel nas Relações Internacional muito positivo. Veja, quando as coisas estão tranquilas nas Relações Internacionais as instituições funcionam perfeitamente, quando elas não estão normais, iniciativas, posturas mais soltas, protagonismo maior, criatividade maior, são muito importantes. Então coincidiu do Lula estar como presidente nesse contexto, em que ele na condição de um cara que tinha aprendido a fazer relações internacionais no âmbito do Partido,

pode usufruir desse aprendizado numa situação nacional muito favorável. Por um lado é mentira a acusação que é feita, ela é reducionista. Por outro lado, foi uma vantagem para o país ter um presidente que aprendeu a fazer relações internacionais na condição de presidente de um partido. Não é ruim isso.

6. Agora eu queria perguntar sobre uma figura partidária importante no governo, até hoje, talvez não muito hoje, mas no governo talvez tenha sido uma figura importante, que é o Marco Aurélio Garcia sendo assessor especial do presidente. E se o fato de ter essa figura partidária ao lado do Lula da Silva assessorando ele influenciou, foi relevante, para ações que o governo possa ter tido.

(Valter Pomar): Sim, foi. O Marco Aurélio foi durante muitos anos Secretário de Relações Internacionais do PT, quando o Lula vira presidente ele acompanha o Lula na assessoria especial da presidência da república como um assessor para Relações internacionais. Em vários países do mundo existe uma estrutura parecida com essa, ou seja, um personagem ou uma estrutura mesmo que dá apoio direto ao presidente, em paralelo à estrutura digamos assim, o Itamaraty. Mas também não tem nada de excepcional, não foi uma invenção nossa que tenha ocorrido uma coisa dessas, nem no Brasil ou fora do país houve outros momentos em que esse tipo de coisa, esse tipo de situação, ter um assessor especial, ou uma equipe que assessora já existiu. Foi muito útil para a política externa que Marco Aurélio estivesse lá, porque ele tinha muita experiência na área, tinha sido Secretário de Relações Internacionais do PT, é muito conhecido na América Latina, então foi bastante útil.

Sinceramente, eu não sei dizer caso a caso, teria que pegar e olhar, momentos que ele tenha cumprido um papel ou um diferencial fundamental, uma vez que o Lula era presidente do Partido enquanto ele era Secretário. Então assim, os dois fizeram uma política internacional em paralelo, mas ele cumpriu um papel muito importante durante os dois governos Lula. No governo da Dilma ele passou a ter um papel de segundo plano, porque a maneira como a Dilma encarou as Relações internacionais não foi com a mesma importância, com o mesmo viés, que nos demos nos dois primeiros mandatos. Então isso fez também com que a influência da assessoria especial caísse. Mas não só porque caiu o nível de protagonismo do Itamaraty. Então o problema não está na Relação Dilma - Marco Aurélio, o problema está na concepção da presidência da república acerca desse contexto, que por sua

vez está relacionado a esse contexto internacional, era pra se ter uma política muito mais ofensiva.

7. A filosofia partidária nesse caso do Marco Aurélio junto com o Lula da Silva fez alguma diferença?

(Valter Pomar): Para quem?

(Thauana): Nas relações Internacionais.

(Valter Pomar): Sim, foi importante que eles estivessem juntos. Quer ver? Qual foi digamos assim...

(Thauana): A ênfase na América Latina, por exemplo, que é uma questão que sempre é abordada pelo PT.

(Valter): As três questões em que a influência do PT foi importante nas relações internacionais: a ênfase na integração latino americana, a aproximação com os BRICS, e uma intensificação das relações com a África. São as três áreas que você pode falar que bom, se fosse outro governo não ia ter. Não só a orientação como as ênfases foram importantes, então as três foram importantes para o Brasil nessas circunstâncias, por que veja, ou o Brasil se alinhava com os EUA ou com os BRICS, ou o Brasil aceitava a ALCA ou comandava uma integração própria. E a África virou um território em que todas as grandes economias do mundo estão correndo pra lá. Então o Brasil ia participar ou não? Então assim, do ponto de vista do que podemos chamar de interesse nacional a política que o PT propôs fazia todo sentido do mundo. Não era uma política estranha, quando as pessoas fazem a crítica, sobre política partidária, entre outras coisas, o subtexto é uma política de um grupo, de um pedaço do país e não uma política de interesse da nação.

Esse é o subtexto - o partido é uma parte e não um país inteiro. Essa crítica é fraudulenta, primeiro porque quem critica também expressa outra parte. Porque a política que nós aplicamos, o impulso que nos demos no governo, a influência que a gente deu ali dentro ela ajudou a implementar interesses do conjunto do país, do ângulo nosso, obviamente a nossa maneira de fazer política é diferente de outros. Não foram interesses contra o país, estar presente na África, integrar a América Latina e fazer relações com os BRICS. De fato essa política foi de encontro a uma situação específica que existiu, foi por sorte? Ou foi porque a gente trabalhou e criou condições pra isso acontecesse? Se você for ler as resoluções do Foro de São Paulo, desde 1990 em diante, você vai ver que o PT nessa área acertou sobre o que estava acontecendo no âmbito internacional. A defesa da Integração Regional veio sendo feita

lá atrás, como sendo uma saída nessas circunstâncias, então eu não acho que seja justo falar que tenha sido sorte. Porque parece que foi por acaso. Nem a interpretação que a gente fez foi por acaso, ela veio sendo construída, e nem o fato das circunstâncias terem se dado coincidentemente com a nossa vitória na verdade foi um processo, está certo? Foi um momento em que os EUA estavam desatentos para a região, havia um acúmulo de contradições entre os neoliberais aqui e nos tínhamos políticas, então isso se deu em grande medida também por obra nossa, e não por coincidência no sentido casual.

8. Gostaria que você falasse um pouco do trabalho na secretaria de Relações Internacionais do Partido. A gente sabe que acontecem muitos encontros, intercâmbios, é o que vocês citam muito nas resoluções, e dão muita ênfase ao Foro de São Paulo, como um encontro muito importante para articulação com os Partidos de esquerda da região. Especificamente eu não encontro que é realizado em termos de projetos, e principalmente depois dos encontros e diálogos acontece algo mais concreto e efetivo e que vá fazer uma diferença na vida da sociedade por exemplo. E falando mais especificamente claro da sua gestão no período do governo Lula.

(Valter Pomar): Então nos somos partido e não governo. Olhando assim qual é o saldo da nossa gestão? É que a política que a gente implementou nos anos 90 resultou na chegada de Partidos ligados a nos em vários países da região. O saldo é esse! Bom o que esses partidos fizeram depois que chegaram ao poder, em geral a vida do povo melhorou nesses países, então assim, falando globalmente, então eu não acho que seja possível encontrar na ação do partido aquilo que é na verdade a ação das instituições que o partido influencia. Segunda coisa, o trabalho de relações internacionais do PT, ele é digamos o fim de linha de um processo que não começa com a Secretaria de Relações Internacionais, ou seja, com a influência do PT no âmbito internacional. Ela decorre do conjunto da obra, a Secretaria pode ser mais ou menos feliz em se apropriar disso, ela pode estragar a obra ou se apoiar nela, mas quem cria as condições pra o trabalho da secretaria ter credibilidade, ou seja, saber que por trás do secretario tem uma ação, e essa ação, é o fato de o PT ter construído uma trajetória nos anos 80, 90, ganhado a Presidência da República, fazer um mandato, ter superado crises, é isso que dá a quem fala do PT no âmbito internacional uma maior força, uma autoridade. Então é muito comum, que a pessoa que ocupa a Secretaria de Relações Internacionais do PT tenha destaque em eventos internacionais, é chamada a falar, chamada a opinar, quando a

pessoa tem mais preparo, ela aproveita melhor essa situação, se tem menos preparo aproveita pior, mas não é ela que cria o contexto, o contexto está sendo criado pela ação do partido.

A secretaria mesmo é de uma pobreza total, do ponto de vista estrutural, comparando com a secretaria de relações internacionais do Partido Comunista Chinês é um prédio de vários andares e com milhares de funcionários. A Secretaria de RI do PT é o secretário e uma equipe, que quando eu entrei tinha sete pessoas e quando eu saí tinha três. É muito pouca gente, então de fato o volume de trabalho do ponto de vista do que a gente executa da diplomacia partidária é muito maior do que parece e a influência nossa é muito grande perto da estrutura que a gente dispõe. A equipe é muito pequena, ela continua muito pequena. Concretamente qual era o trabalho que era feito, o Secretário de RI é integrante da comitativa nacional do Partido, ele tem a vida partidária, de participar do diretório nacional, da executiva nacional, participar dos encontros, congressos, da vida interna do PT. Essa é uma parte da atuação do Secretário enquanto membro da direção do Partido.

Tem uma segunda parte que é a relação com organismos internacionais partidários, então o PT mantém relações diplomáticas com a COPPAL, com a Internacional Socialista, mantendo trocas de mensagens e correspondências, convites, etc. Com os partidos europeus, o Partido socialista europeu, e partido de esquerda europeu. Mais recentemente com uma organização de partidos africanos, a gente mantém relações com partidos na Ásia, no Oriente médio, na Oceania, nos EUA, então mantemos relações com partidos e organizações partidárias, mundo afora. Então tem todo um trabalho de diplomacia e troca de informações, convites, envio e recebimento de delegações, é um trabalho interminável de se manter correspondência, encontros, reuniões e informes. Tem outra dimensão do nosso trabalho que é a Secretaria Executiva do Foro de São Paulo, de fato nos coordenamos o Foro de São Paulo, que é uma organização latina e caribenha, e faz reuniões anualmente, em periodicidade maior com a comissão executiva e possui também regionais que a secretaria executiva ocupada pelo Secretário de RI do PT seja quem for, frequenta todos esses países e se reúne com os partidos. Além disso, a gente possui uma rede de núcleos do PT no exterior, e compete a Secretaria de RI conviver e coordenar, fazendo reunião com esses núcleos. Além disso, a gente faz uma interface com as instituições que executam política internacional aqui no Brasil, por exemplo: outros partidos, organismos do governo, empresas estatais que tem incidência na vida internacional, o Itamaraty, as comissões parlamentares. Por exemplo: quando eu era Secretário eu reunia com deputados e senadores do PT para discutir as questões internacionais no congresso, visitava dirigentes no Itamaraty ou de instituições brasileiras que tem presença internacional para intercambiar e trocar informações, fazia reuniões periódicas com os

Secretários de RI do PSB do PCDoB. Enfim, tem um leque de tarefas que é esse que eu te descrevi, e a única tarefa que é permanente, é a Secretaria Executiva do Foro de São Paulo e envolvia uma carga de trabalho específico imensa.

A outra dimensão se resume em manter os demais informados com o que a gente está fazendo ou está pensando, manter a direção informada acerca do que os outros estão pensando e fazendo, e agir em circunstâncias em que o PT precisa ter uma manifestação pública, por exemplo, quando houve um dos bombardeios de Israel contra Gaza o PT se manifestou publicamente, quando o Bush veio ao Brasil, convidado pelo governo o PT organizou uma manifestação contra, e a Secretaria estava envolvida nisso. Então tem várias circunstâncias de política nacional e internacional em que pra além desse trabalho cotidiano, o PT é chamado a se manifestar publicamente dar sua opinião, intervir, com um tom um pouco mais alto que o normal.

Então é isso, a equipe na época que eu entrei era composta por alguns funcionários que cuidavam de assuntos cotidianos, e alguns mais graduados que cumpriam um papel de assessoria, esses últimos a presença deles estava muito vinculada ao fato de que secretários anteriores em minha opinião não cumpriam o papel e muitas vezes passava aos assessores a função de estar presentes em encontros, ou assuntos internacionais, o que eu sempre achei um absurdo total. Em minha opinião, quem deve representar o PT em eventos internacionais são dirigentes do PT, então se o secretário não pôde estar que vá outro membro da executiva nacional.